



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DA GRANDE DOURADOS
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO, ARTES E LETRAS - FALE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO - MESTRADO EM LETRAS



MARILIZI ARRUDA TARIFA

**NEOLOGIA NA OBRA “ANATOMIA DO CORPO HUMANO” DE BERNARDO
SANTUCCI (1739)**

Dourados

2025



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DA GRANDE DOURADOS
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO, ARTES E LETRAS - FALE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO - MESTRADO EM LETRAS



MARILIZI ARRUDA TARIFA

**NEOLOGIA NA OBRA “ANATOMIA DO CORPO HUMANO” DE BERNARDO
SANTUCCI (1739)**

Dissertação apresentada para o Programa de Pós-Graduação, Mestrado em Letras, da Faculdade de Comunicação, Artes e Letras (FALE) da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD), como requisito para a obtenção do Título de Mestra em Letras.

Área: Linguística e Transculturalidade

Mestranda: Marilizi Arruda Tarifa

Orientador: Prof. Dr. Bruno Oliveira Maroneze

Dourados

2025

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP).

T186n Tarifa, Marilizi Arruda
 NEOLOGIA NA OBRA "ANATOMIA DO CORPO HUMANO" DE BERNARDO
 SANTUCCI (1739) [recurso eletrônico] / Marilizi Arruda Tarifa. -- 2025.
 Arquivo em formato pdf.

 Orientador: Bruno Oliveira Maroneze .
 Dissertação (Mestrado em Letras)-Universidade Federal da Grande Dourados, 2025.
 Disponível no Repositório Institucional da UFGD em:
 <https://portal.ufgd.edu.br/setor/biblioteca/repositorio>

 1. Léxico. 2. Neologismo. 3. Santucci. I. Maroneze, Bruno Oliveira. II. Título.

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

©Direitos reservados. Permitido a reprodução parcial desde que citada a fonte.

FOLHA DE APROVAÇÃO

Prof. Dr. Bruno Oliveira Maroneze - PPG Letras/UFGD

(Presidente/Orientador)

Prof.a Dr.a Marilze Tavares - PPG Letras/UFGD

(Membro titular)

Beatriz Fernandes Curti-Contessoto - Centre de Recherche en Linguistique Appliquée
(CeRLA)/Université Lyon 2

(Membro titular)

DEDICATÓRIA

À minha mãe e à minha filha, pilares da minha vida, dedico esta conquista. O amor incondicional, o incentivo diário e a confiança silenciosa que sempre depositaram em mim foram a força que me sustentou em todos os momentos. Cada gesto de carinho, cada palavra de apoio e cada olhar de esperança foram o que me impulsionaram a seguir, mesmo diante dos desafios.

A vocês, que tanto desejaram meu sucesso, ofereço não apenas estas páginas, mas também a certeza de que todo esforço valeu a pena. Esta dissertação carrega não só o meu esforço, mas também o reflexo dos sonhos que vocês ajudaram a cultivar. Que ela represente o cumprimento de uma promessa silenciosa: a de nunca desistir.

Ao meu orientador, professor Bruno, dedico minha mais profunda gratidão. Sua orientação paciente, sua escuta atenta e sua sabedoria generosa foram determinantes para que eu pudesse trilhar com segurança o caminho do conhecimento. Obrigada por ser farol nas minhas dúvidas e por nunca poupar tempo para me conduzir com firmeza e empatia. Este trabalho é fruto da sua confiança e do seu compromisso com a formação de seus orientandos.

AGRADECIMENTOS

A Deus, fonte de toda sabedoria e luz nos momentos mais desafiadores, agradeço pela serenidade e coragem que me foram concedidas em cada passo desta caminhada. Em sua infinita misericórdia, Ele foi meu amparo quando as dúvidas surgiram e minha esperança quando as forças se esgotaram. Sem Ele, não haveria início, caminho ou chegada.

À minha amada família, minha base e refúgio. À minha mãe, exemplo de amor incondicional e coragem silenciosa, que sempre acreditou em mim mesmo quando minhas próprias forças vacilavam. À minha filha, razão maior dos meus sonhos, cuja existência me impulsiona a buscar sempre o melhor de mim — que este trabalho sirva também como legado de superação e de fé no poder transformador do conhecimento. Vocês são, e sempre serão, meu norte e meu abrigo.

Ao meu orientador, professor Bruno, dedico minha mais profunda gratidão. Obrigada por ter caminhado ao meu lado com paciência, atenção e sabedoria.

RESUMO

Esta dissertação analisa os neologismos presentes em dez capítulos da obra *Anatomia do Corpo Humano*, de Bernardo Santucci (1739), considerado o primeiro manual de anatomia escrito em língua portuguesa. Santucci, médico italiano radicado em Portugal, produziu um manual de grande relevância para a consolidação do vocabulário médico-científico no século XVIII. Inserido no projeto *Dicionário Histórico de Termos da Biologia*, este estudo investiga a origem de termos anatômicos e médicos, considerando a influência do latim e do grego na formação do léxico técnico português. A pesquisa fundamenta-se na Terminologia Diacrônica (TD), que busca compreender a transformação dos termos técnicos ao longo do tempo, associada aos pressupostos da Socioterminologia e da Teoria Comunicativa da Terminologia (TCT). Também dialoga com os estudos de Neologia, destacando a neologia retrospectiva e os processos de especialização vocabular ocorridos no campo anatômico. O corpus de análise abrange os capítulos XI a XX do primeiro livro da obra de Santucci, nos quais foram identificadas 26 unidades lexicais de caráter neológico, pertencentes à terminologia anatômica. A metodologia adotada incluiu a comparação dos termos registrados por Santucci com suas ocorrências em dicionários contemporâneos e históricos, como o *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*, o *Oxford Latin Dictionary (OLD)*, o *Dictionnaire Latin-Français de Gaffiot* e o *Greek-English Lexicon (LSJ)*, além da verificação de usos em textos médicos e científicos dos séculos XVI a XVIII. Cada termo foi descrito quanto à classe gramatical, definição, atestação mais antiga e discussão histórico-etimológica. Os resultados evidenciam a vitalidade e a complexidade do léxico médico do período, demonstrando como o português científico se estruturou a partir de empréstimos eruditos e adaptações lexicais de origem clássica. O estudo contribui, assim, para o entendimento da formação histórica do vocabulário anatômico e para a documentação diacrônica da terminologia médico-científica em língua portuguesa.

PALAVRAS-CHAVE: Léxico; Neologismo, Santucci.

ABSTRACT

This dissertation analyzes the neologisms found in ten chapters of *Anatomia do Corpo Humano*, by Bernardo Santucci (1739), considered the first anatomy manual written in Portuguese. Santucci, an Italian physician who lived in Portugal, produced a work of great relevance for the consolidation of the medical-scientific vocabulary in the eighteenth century. Integrated into the project *Historical Dictionary of Biological Terms*, this study investigates the origin of anatomical and medical terms, considering the influence of Latin and Greek on the formation of the Portuguese scientific lexicon. The research is grounded in Diachronic Terminology (DT), which seeks to understand the transformation of technical terms over time, in association with the principles of Socioterminology and the Communicative Theory of Terminology (CTT). It also draws on studies of Neology, emphasizing retrospective neology and the processes of lexical specialization that occurred in the anatomical field. The corpus analyzed comprises chapters XI to XX of the first book of Santucci's work, in which 26 lexical units of neological character were identified, belonging to anatomical terminology. The methodology involved comparing the terms recorded by Santucci with their occurrences in contemporary and historical dictionaries, such as the *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*, the *Oxford Latin Dictionary (OLD)*, *Gaffiot's Dictionnaire Latin-Français*, and the *Greek-English Lexicon (LSJ)*, as well as verifying their use in medical and scientific texts from the sixteenth to the eighteenth centuries. Each term was described according to its grammatical class, definition, earliest attestation, and historical-etymological discussion. The results highlight the vitality and complexity of the medical lexicon of the period, demonstrating how Portuguese scientific language was structured through learned borrowings and lexical adaptations of classical origin. The study thus contributes to understanding the historical formation of anatomical vocabulary and to the diachronic documentation of medical-scientific terminology in the Portuguese language.

KEYWORDS: Lexicon; Neologism; Santucci.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Folha de rosto de “Anatomia do Corpo Humano”, de Santucci (1739)	32
Figura 2 – Trecho de “Anatomia do Corpo Humano”, capítulo XI	33
Figura 3 – Ilustração de “Anatomia do Corpo Humano”	34

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
Capítulo 1 - Conceitos teóricos	12
1.1. Terminologia	12
1.2. Terminologia Diacrônica	15
1.3. Neologia	18
1.4. Neologismos	23
1.5. Etimologia	27
Capítulo 2 - Metodologia	30
2.1. Sobre a obra analisada	30
2.2. Extração dos termos	34
2.3. Metodologia de análise	35
Capítulo 3 - Análise dos dados	37
3.1. bálabano	40
3.2. bulbo	41
3.3. eritroide	41
3.4. pelve	42
3.5. eretor	43
3.6. clitóris	44
3.7. hímen	45
3.8. cório	45
3.9. funículo	46
3.10. papila	47
3.11. tireoide	48
3.12. cricoide	48
3.13. glote	49
3.14. mitral	50
3.15. tricúspide	50
3.16. tendinoso	51
3.17. coronária / coronário	52
3.18. carótida	53
3.19. mamário	53
3.20. metacarpo	54
3.21. bronquial	55
3.22. duodenal	55
3.23. cístico	56
3.24. póplice	57
3.25. tarso	57
3.26. sural	58
Considerações Finais	60
Referências	62

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa faz parte do projeto *Dicionário Histórico de Termos da Biologia*, ainda em elaboração, coordenado pelo Prof. Doutor Bruno Oliveira Maroneze e tem a participação de estudantes de graduação e pós-graduação da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD) e da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS). É um projeto filiado ao Núcleo de Apoio à Pesquisa em Etimologia e História da Língua Portuguesa, que visa promover e divulgar pesquisas acadêmicas brasileiras sobre Linguística Histórica, Filologia e Etimologia, coordenado pela Prof.^a Dr.^a Vanessa Martins do Monte Universidade de São Paulo.

O referido dicionário é um repositório eletrônico que reúne informações histórico-etimológicas extraídas de textos científicos do século XVIII sobre termos da Biologia em língua portuguesa. O corpus é composto pelas seguintes obras: "Compendio de Botanica" (1788), de Félix de Avelar Brotero; "Anatomia do Corpo Humano" (1739), de Bernardo Santucci; e "Diccionario dos termos technicos de Historia Natural" (1788), de Domingos Vandelli.

A professora pesquisadora, ao conhecer o *Dicionário Histórico de Termos da Biologia*, se interessou a partir de questões que foram motivadoras, como investigar a linguagem médica da época, os termos médicos utilizados que refletem não apenas avanços científicos, mas também o contexto cultural e social da época e a forma como o estudo dos termos médicos do século XVIII permite acompanhar o desenvolvimento científico e as descobertas médicas da época, contribuindo para uma narrativa histórica da evolução da ciência médica.

A obra selecionada como objeto principal desta pesquisa, com vistas a colaborar com o dicionário em elaboração, é "Anatomia do Corpo Humano", de Bernardo Santucci, publicada em 1739. Escrita em língua portuguesa, trata-se do primeiro manual de anatomia publicado neste idioma. A obra possui 471 páginas, é ilustrada por Michel Le Bouteux e foi impressa na "Officina de Antonio Pedrozo Galram". A descrição minuciosa de seus aspectos materiais e editoriais será apresentada no Capítulo 2.

A pesquisa analisa os termos empregados por Santucci, considerando seus aspectos etimológicos, históricos e conceituais, de modo a contribuir para o enriquecimento do "Dicionário Histórico de Termos da Biologia". Propõe-se além de identificar e selecionar os principais termos anatômicos presentes na obra "Anatomia do Corpo Humano", investigar a

origem etimológica e os usos históricos desses termos, sistematizar e organizar as informações em conformidade com a metodologia do projeto do dicionário.

Partindo dessas premissas, esta dissertação busca responder a algumas questões de pesquisa: em que medida os termos utilizados por Santucci podem ser considerados neologismos do século XVIII, no âmbito da língua portuguesa? Como esses termos dialogam com a tradição lexical herdada do latim e do grego, e até que ponto refletem um esforço de adaptação lexical ao contexto científico da época? Essas hipóteses serão examinadas ao longo da análise de dados e retomadas nas considerações finais, com vistas a contribuir para uma compreensão mais ampla do fenômeno da neologia científica no período estudado.

Para organização do presente trabalho, optou-se por dividi-lo em quatro capítulos. O primeiro capítulo apresenta os principais conceitos teóricos sobre terminologia, etimologia e lexicografia histórica que fundamentam esta pesquisa. O segundo capítulo descreve a metodologia adotada, incluindo critérios de seleção do corpus, procedimentos de análise terminológica e fontes de consulta. O terceiro capítulo contém a análise detalhada dos termos selecionados na obra de Bernardo Santucci, discutindo sua origem etimológica, a datação histórica do uso em língua portuguesa e sua presença em dicionários especializados. O quarto capítulo reúne as considerações finais, destacando as principais conclusões do trabalho, a relevância da obra analisada para o estudo do léxico histórico e indicando possibilidades de continuidade e aprofundamento das pesquisas em terminologia.

Capítulo 1 - Conceitos teóricos

Neste capítulo, apresentam-se brevemente os principais conceitos teóricos que fundamentam esta pesquisa: Terminologia, Terminologia Diacrônica, Neologia, Neologismos e Etimologia. A Terminologia, consolidada por autores como Wüster, Cabré e Sager, busca padronizar o conhecimento especializado com precisão conceitual. A Terminologia Diacrônica enfoca a evolução temporal dos termos técnicos. A neologia é o processo de criação de novas palavras ou sentidos, e os neologismos são seu produto, influenciados por fatores históricos e uso social. Já a Etimologia investiga a origem das palavras com base em rigor metodológico e considera o conceito de terminus a quo essencial para datar sua ocorrência mais antiga.

1.1. Terminologia

A Terminologia surgiu da necessidade de organizar e transmitir, de forma precisa, o conhecimento especializado. A evolução da Terminologia como disciplina acadêmica reflete transformações históricas e científicas, que demandaram o desenvolvimento de metodologias rigorosas para a padronização terminológica. Como destacam Krieger e Finatto (2019, p. 16):

Os homens criam e utilizam palavras para expressar e dominar conceitos, objetos e processos dos diferentes campos do conhecimento especializado. Essa produtividade linguística de feição terminológica ocorre notadamente no universo das ciências, das técnicas e das distintas atividades de trabalho profissional. Junto a definições básicas, preferimos neste momento uma série de aspectos correlacionados ao léxico terminológico, bem como seus estudos e aplicações. A Terminologia compreende uma face aplicada relativa, sobretudo, à produção de glossários, dicionários técnico-científicos e bancos de dados terminológicos.

Foi no século XX que a Terminologia se consolidou como um campo acadêmico estruturado, com o surgimento das primeiras bases teóricas, voltadas não apenas à definição de termos, mas também à sua correta aplicação e compreensão em contextos específicos.

A necessidade de uma comunicação clara e eficaz entre especialistas e de evitar ambiguidades linguísticas estimulou o desenvolvimento de metodologias e teorias terminológicas. Esse movimento foi determinante para consolidar princípios que buscavam não apenas a definição de termos, mas também a sua aplicação adequada em diferentes esferas do conhecimento.

A Terminologia é composta por diversos componentes teóricos e práticos. Entre seus fundamentos, destacam-se a definição de termos, a criação de taxonomias e ontologias e o estudo das relações semânticas e funcionais entre conceitos. A definição precisa de termos é vital para garantir clareza e precisão na comunicação especializada. Outro aspecto essencial é a análise da evolução terminológica ao longo do tempo, considerando que os termos não são estáticos e podem se modificar à medida que avançam a ciência e as práticas profissionais.

Vários estudiosos contribuíram significativamente para o desenvolvimento da Terminologia como disciplina. Entre eles, destacam-se John C. Sager, Eugen Wüster e Maria Teresa Cabré.

John C. Sager, em sua obra *Practical Course in Terminology* (1990), estabeleceu princípios fundamentais para a elaboração de glossários e a padronização terminológica, enfatizando a necessidade de uma abordagem prática e sistemática na criação e atualização de bancos de dados terminológicos. Segundo Sager (1990, p. 3):

a terminologia é o estudo e o campo de atividade que se ocupam da coleta, descrição, processamento e apresentação de termos, ou seja, itens lexicais pertencentes a áreas especializadas de uso de uma ou mais línguas. Em seus objetivos, ela se assemelha à lexicografia, que combina o duplo propósito de coletar dados sobre o léxico de uma língua e, ao mesmo tempo, oferecer informações e, às vezes, orientação aos usuários.

Eugen Wüster, com a Teoria Geral da Terminologia (TGT), forneceu uma base teórica para o estudo da Terminologia, destacando a importância da definição precisa e da categorização de termos. Wüster contribuiu, ainda, para a formalização de normas e métodos aplicáveis à construção de sistemas terminológicos, promovendo uma perspectiva científica e metodológica para o campo. Sobre isso, Krieger e Finatto (2019, p. 20) ressaltam:

Trata-se de uma disciplina cujas bases foram estabelecidas pelo engenheiro austríaco Eugen Wüster, que a introduziu na Universidade de Viena em 1972. Com a preocupação de padronizar o uso dos termos técnico-científicos de modo a alcançar a univocidade comunicacional no plano internacional, desenvolveu uma série de estudos sobre os termos que deram origem à Teoria Geral da Terminologia

Maria Teresa Cabré, na obra *La Terminología: Teoría, Metodología, Aplicaciones* (1993), aprofundou a análise das relações entre termos e conceitos e explorou aspectos

¹ La terminología fue concebida en la práctica como una herramienta auxiliar de la comunicación científico-técnica, cuya finalidad era asegurar la univocidad de los intercambios comunicativos entre profesionales. Esta consideración de la terminología fue superada por la decisión de Eugen Wüster de darle el rango de disciplina de pleno derecho, aunque este estatus estuviera completamente condicionado a la perspectiva práctica en la que se situó.

pragmáticos, como a aplicação terminológica em contextos profissionais e acadêmicos. Cabré também destacou a relevância da Terminologia na comunicação intercultural e na tradução.

A terminologia foi concebida, na prática, como uma ferramenta auxiliar da comunicação científico-técnica, cuja finalidade era assegurar a univocidade das trocas comunicativas entre profissionais. Essa concepção da terminologia foi superada pela decisão de Eugen Wüster de elevá-la ao status de disciplina plena, embora esse status estivesse completamente condicionado à perspectiva prática na qual ele se situava. (Cabré, 1993, p. 443) ¹

Maria da Graça Krieger e Maria José Bocorny Finatto, em *Introdução à Terminologia: Teoria e Prática* (2004), enfatizam que a crescente especialização dos saberes propiciou o surgimento de terminologias cada vez mais específicas, que constituem universos linguísticos próprios. As autoras observam:

[...] o termo é o elemento linguístico que constitui a expressão lexical dos saberes especializados. Desse modo, é a partir do léxico especializado que as diversas áreas técnicas, científicas e tecnológicas expressam e comunicam o conhecimento que as constituem e caracterizam. Logo, o termo é constituído por três dimensões: linguística, conceitual e comunicativa (Krieger; Finatto, 2019, p. 251).

O desenvolvimento da Terminologia envolveu ainda o reconhecimento de que os termos evoluem continuamente e, por isso, as práticas terminográficas precisam acompanhar essas transformações para manter sua pertinência. Krieger e Finatto (2019) defendem a utilização de uma abordagem pragmática e textual, essencial para compreender o funcionamento dos termos no contexto da comunicação especializada. Essa abordagem pressupõe planejamento e organização nas etapas do trabalho terminológico, desde a compilação de corpora até o uso de tecnologias para o reconhecimento informatizado de unidades terminológicas e a construção de bancos de dados eletrônicos.

A Terminologia, portanto, constitui um campo essencial para a comunicação técnica e científica. As contribuições de Sager, Wüster, Cabré, foram determinantes para consolidar as bases teóricas e metodológicas do estudo dos termos. Com o avanço constante da ciência e da tecnologia, a Terminologia continuará a se expandir e a se adaptar às novas demandas da comunicação especializada, sempre promovendo a precisão e a clareza na transmissão do conhecimento.

1.2. Terminologia Diacrônica

A Terminologia Diacrônica (TD) constitui uma abordagem ou vertente dedicada ao estudo da evolução dos termos técnicos ao longo do tempo, investigando como a linguagem especializada se adapta às mudanças nas ciências. Ao contrário da perspectiva normatizadora da Teoria Geral da Terminologia (TGT), que foca na padronização, a TD entende que a transformação dos termos técnicos é uma consequência natural do progresso científico e tecnológico. Um marco significativo para essa vertente foi o colóquio *Terminologie Diachronique*, realizado na Bélgica em 1981, em que estudiosos destacaram que a compreensão dos termos técnicos exige a consideração de seu desenvolvimento histórico. Esse evento desafiou a visão tradicional de que a TD não possuía validade científica, promovendo a ideia de que a análise diacrônica é essencial para compreender a dinâmica da linguagem técnica. Diferentemente da abordagem sincrônica, que analisa os termos em um estado estático e presente, a diacronia foca nas mudanças e variações que ocorrem ao longo do tempo.

Atualmente, a noção de ‘diacronia’, no âmbito da Terminologia, tem sido discutida e, dessas discussões, importantes reflexões têm sido produzidas, especialmente no que diz respeito ao seu papel e ao seu status nessa disciplina. Nesse sentido, além de sua relação com o quadro variacionista, a diacronia tem sido “[...] descrita como um campo de investigação à parte por outros autores [...], que falam de ‘Terminologia diacrônica’” (Picton, Condamines, & Humbert-Droz, 2021, p. 195, tradução nossa, grifo do autor. (Curti-Contessoto, 2024, p. 2)

Após o colóquio de 1981, a TD ganhou maior aceitação, influenciando a forma como os estudos terminológicos passaram a considerar o aspecto temporal na análise dos termos. Posteriormente, o colóquio de 1998, realizado em Barcelona, reforçou a importância da TD, sugerindo a necessidade de revisar as epistemologias que orientavam a Terminografia no passado e aplicá-las em uma perspectiva diacrônica.

Embora a TD tenha contribuído significativamente para os debates teóricos e metodológicos na área, a diversidade de abordagens adotadas gerou, em alguns casos, falta de clareza e imprecisão teórica. Pesquisas no Brasil e no exterior têm explorado diversos conceitos fundamentais, como a evolução dos termos e a necessidade de novas abordagens terminológicas. No entanto, essa variedade de métodos sublinha a necessidade de uma organização mais estruturada e de uma sistematização teórica mais consistente nas pesquisas sobre Terminologia Diacrônica. Nesse sentido, observa-se a seguinte consideração:

Contudo, isso não quer dizer que, no Brasil, não havia antes outros trabalhos que se dedicassem, de algum modo, à faceta diacrônica das linguagens de especialidade, ainda que não trouxessem a TD claramente mencionada em seus pressupostos. Nesse sentido, cumpre lembrar as contribuições de Lídia Barros com relação aos estudos terminológicos do ponto de vista diacrônico. A pesquisadora foi uma das pioneiras no Brasil a estudar a evolução terminológica, tendo trabalhos publicados nesse sentido antes dos anos 2000 (cf. BARROS, 1999). Além de verificar como os termos se transformam ao longo dos anos, Barros também tratou do enfoque histórico no âmbito terminográfico (cf. BARROS, 2004). De modo geral, seus trabalhos tinham a característica de considerar os aspectos socioculturais e históricos que subjazem às mudanças terminológicas. Nesse viés, orientou algumas investigações, dentre as quais constam as de Curti-Contessoto (2019). (Curti-Contessoto, 2022, p. 113)

Esse campo de estudo reconhece que os termos não são imutáveis; pelo contrário, estão sujeitos a alterações à medida que novos conhecimentos surgem e conforme evoluem as necessidades comunicativas das comunidades de falantes. Por isso, a Terminologia Diacrônica envolve não apenas a análise de aspectos evolutivos dos termos e de seus conceitos, mas também a investigação das circunstâncias históricas e culturais que impulsionam essas mudanças.

Outro ponto importante é que a diacronia na terminologia não se limita à simples catalogação das mudanças de termos. Busca também compreender os mecanismos pelos quais essas mudanças ocorrem, como as influências de outras línguas, as necessidades de padronização e as inovações tecnológicas. O contato com outros idiomas, somado aos avanços tecnológicos, constitui elemento essencial no processo de alteração e evolução terminológica, promovendo a adoção de novas acepções e configurações vocabulares.

Portanto, a Terminologia Diacrônica é fundamental para a compreensão da evolução da linguagem técnica, proporcionando insights valiosos sobre como os termos se adaptam ao longo do tempo para atender às necessidades de comunicação em diferentes contextos históricos. Esse campo revela a natureza dinâmica e evolutiva dos termos, evidenciando que a linguagem especializada é, em última análise, um reflexo das transformações sociais, culturais e tecnológicas da humanidade.

Um pesquisador que trouxe contribuições inovadoras para o estudo diacrônico em Terminologia foi Bernt Moller, mencionado por Curti-Contessoto (2022). Moller introduziu a Terminocronia, uma nova abordagem em seu estudo. Sua pesquisa se concentra na automatização do reconhecimento da evolução terminológica, indo além da neologia e da implantação terminológica. Moller propõe analisar aspectos como o desaparecimento de termos e o surgimento de cadeias terminológicas.

Finatto (2020) argumenta que a Terminologia Diacrônica lida com a recuperação e a sistematização das transformações terminológicas em termos de uso e convenções discursivas, e que o estudo de textos do passado é fundamental para compreender melhor as motivações que embasam a linguagem nos textos atuais. A abordagem diacrônica assume um papel essencial na análise da linguagem técnica. Ao priorizar a dimensão temporal e a evolução dos termos técnicos, a Terminologia Diacrônica questiona a perspectiva normativa predominante, proporcionando uma contribuição significativa para uma compreensão mais abrangente da terminologia. Finatto (2020) ressalta a importância da Terminologia Diacrônica no estudo das transformações terminológicas ao longo do tempo, destacando a necessidade de analisar textos antigos para identificar as motivações que influenciam a linguagem contemporânea. Isso demonstra a relevância da abordagem diacrônica na compreensão da evolução terminológica e das práticas discursivas em diferentes contextos. Ao reconhecer as mudanças e convenções linguísticas ao longo do tempo, torna-se possível obter uma visão mais aprofundada das características presentes na linguagem atual.

Ainda conforme Curti-Contessoto (2022), Bruno Maroneze é um pesquisador que tem contribuído com investigações históricas e terminológicas, realizou estudos com abordagens etimológicas e filológicas em relação a termos científicos (MARONEZE, 2019a), bem como sobre neologismos terminológicos em momentos passados (MARONEZE, 2019b). Suas pesquisas buscam estabelecer diálogos entre a Terminologia Diacrônica (TD) e outras vertentes teóricas, como a Etimologia e a Filologia.

A Terminologia Diacrônica se dedica ao estudo das mudanças e da evolução dos termos ao longo do tempo. Busca compreender como os termos são criados, modificados e utilizados em diferentes contextos históricos, envolvendo a investigação em documentos e textos antigos, de forma a entender como essas unidades eram empregadas. De acordo com Curti-Contessoto (2022), é importante destacar as denominações dos estudos terminológicos e as abordagens teóricas. No caso da Terminologia Diacrônica, esta está frequentemente relacionada ao arcabouço teórico-metodológico da Socioterminologia e da Teoria Comunicativa da Terminologia (TCT), que compreendem os termos como unidades inseridas em contextos de uso reais e socialmente situados. Nessa perspectiva, a TCT enfatiza a dimensão comunicativa, pragmática e funcional dos termos, considerando não apenas a padronização e a clareza, mas também os fatores discursivos, contextuais e interacionais que influenciam sua criação, circulação e transformação ao longo do tempo.

Várias áreas do conhecimento são caracterizadas pelo uso de termos específicos, formando universos linguísticos peculiares. Destaca-se que a Terminologia Diacrônica se

relaciona a diversas abordagens teóricas e metodológicas, como a Socioterminologia e outras disciplinas afins. Ressalta-se a flexibilidade do termo ao lidar com diferentes janelas temporais e enfoques terminológicos. Assim, evidencia-se a diversidade de objetos e métodos nas pesquisas que utilizam essa perspectiva, como a seguir:

Observamos que o nome Terminologia Diacrônica vem frequentemente relacionado ao arcabouço teórico-metodológico da Socioterminologia, da TCT, da TST e da TT. Essa expressão figura, em geral, em trabalhos que lidam tanto com janelas temporais longas e curtas (ainda que seja difícil precisar quando um período deixa de ser curto para se tornar longo e vice-versa), e que exploram diferentes aspectos terminológicos, que variam de acordo com o propósito das pesquisas e das teorias em que se fundamentam. Sendo assim, notamos que o termo Terminologia Diacrônica (e sua variante TD) tende a se referir a uma ideia mais genérica sobre a abordagem diacrônica em relação aos estudos cujo lugar de base é a disciplina de Terminologia. Em outras palavras, a nosso ver, os trabalhos em que esses termos figuram têm, como característica principal, diferentes objetos e objetivos de análise e, consequentemente, pressupostos teóricos e metodológicos diversos. (Curti-Contessoto, 2022, p. 115)

As relações estabelecidas a partir das unidades lexicais podem ser verificadas em vários níveis, como o morfológico e o sintático. No contexto desta pesquisa, o léxico será analisado sob uma perspectiva neológica, uma vez que a neologia constitui um dos fenômenos que podem ser estudados à luz da Terminologia Diacrônica (TD), justamente por seu caráter inovador. Conforme Alves (2018), o neologismo constitui uma unidade lexical de criação recente ou recebida de outro código. O neologismo pode ser classificado em neologismos formais, neologismos semânticos e neologismos por empréstimo.

O estudo da diacronia em línguas de especialidade, diferentemente da abordagem diacrônica da linguagem geral, oferece uma perspectiva ao revelar elementos até então negligenciados pela análise sincrônica. Como apontado por Dury (2022), “a diacronia especializada revela características interessantes das línguas especializadas [...] lançando nova luz sobre postulados teóricos da Terminologia” e aspectos linguísticos ignorados por abordagens anteriores. Essa constatação está em consonância com os objetivos desta dissertação, que investiga os neologismos técnico-científicos empregados por Bernardo Santucci em “Anatomia do Corpo Humano” (1739), com base em uma abordagem diacrônica.

1.3. Neologia

Para o desenvolvimento deste trabalho, é necessário abordar aspectos teóricos da neologia. A concepção de neologia e neologismo refere-se à capacidade de inovar a língua ao criar novas palavras ou novos significados para palavras existentes. A distinção entre

neologia como processo de criação e neologismo como produto desse processo é crucial para compreender o desenvolvimento lexical. Conforme Alves (2009):

Conceituamos neologismo como uma nova forma, uma nova acepção atribuída a uma unidade lexical ou um estrangeirismo recebido de uma outra língua. O neologismo – exceto os empregos de caráter intencional no âmbito literário, publicitário – é fortemente vinculado ao caráter social da linguagem, e resulta de uma necessidade de nomeação ou de um fato social, que, em um momento da história da sociedade, determina a criação de uma nova unidade lexical. Como princípio metodológico, considera-se neológica a unidade lexical não-incluída em um corpus de exclusão, denominação criada por Boulanger (1979) para designar um conjunto de dicionários de língua que exerce o papel de filtro para caracterizar uma unidade lexical como neológica ou não-neológica.

Novas palavras são criadas para expressar experiências e conceitos inéditos, evidenciando a dinâmica criativa da linguagem. A compreensão da formação de palavras e neologismos requer uma análise que vai além da estrutura interna das unidades lexicais, demandando uma consideração atenta do contexto comunicativo em que são utilizadas. Esse processo complexo sublinha a riqueza e a flexibilidade da linguagem como uma ferramenta de comunicação e expressão. Cria-se novos vocábulos para nomear fenômenos recentes, designar conceitos diferentes ou identificar objetos recém-inventados. Além disso, novas unidades lexicais podem surgir para expressar uma ideia em uma classe de palavras distinta

A neologia consiste na criação de novas palavras ou expressões em uma língua para suprir a falta de termos. Já o neologismo refere-se ao termo ou palavra recentemente criada, ainda não registrada em dicionários. A aceitação e a frequência de uso pelos falantes determinam se os neologismos serão incorporados ao vocabulário corrente. Como enfatiza Sablayrolles (2008, p. 18, *apud* Alves, 2017, p. 104), “os neologismos são frequentemente definidos como palavras que não estão registradas no dicionário”.

Diante desse contexto teórico, este estudo visa evidenciar a complexidade e a riqueza do vocabulário médico-científico em língua portuguesa, ressaltando a importância de considerar as influências latinas, científicas e históricas na etimologia das palavras. No caso específico desta pesquisa, o objeto de análise é a neologia retrospectiva, uma vez que se busca identificar e compreender os neologismos empregados por Bernardo Santucci no século XVIII, investigando sua formação, origem e trajetória histórica até o português contemporâneo. Além disso, destaca a necessidade de atualizar continuamente o léxico médico-científico à medida que novas descobertas e influências etimológicas são identificadas.

A aceitação de neologismos médicos e científicos entre os falantes e nas comunidades acadêmicas é um processo gradual. Inicialmente, esses termos circulam em círculos restritos, como artigos científicos, conferências e manuais técnicos. Com o tempo, à medida que seu uso se dissemina e os conceitos que descrevem passam a integrar o conhecimento comum, tornam-se parte do vocabulário mais amplo da língua, sendo eventualmente registrados em dicionários e obras de referência.

As terminologias podem ser formadas a partir de domínios discursivos já estabelecidos, cujos integrantes promovem uma renovação lexical sem romper com a forma anterior. Na análise dos termos da obra de Santucci se identificam termos oriundos do latim, do grego. Ao atualizar ou especializar sentidos herdados, o autor contribui para a constituição de um domínio discursivo em língua portuguesa no século XVIII, conforme aponta Humbley (2011, p. 54):

A primeira hipótese é que as novas terminologias são formadas a partir de domínios existentes. Se adotarmos a lógica das comunidades discursivas de J. Swales (1990), podemos postular que os pioneiros do novo domínio são oriundos do domínio ancestral e que dialogam com os especialistas dos domínios conexos que também participam de suas atividades inovadoras.

Para entender a incorporação de uma unidade lexical à língua, é necessário compreender os conceitos teóricos relacionados à neologia, assim como o percurso histórico da unidade e seu uso.

De acordo com Alves (2001), neologia é um conceito que se refere a todos os fenômenos novos que afetam uma língua, especialmente no nível lexical. A origem do termo “neologismo” remonta ao século XVIII, conforme registrado no dicionário de Moraes (1813) e no Tesouro da Língua Portuguesa de Frei Domingos Vieira (1871).

Ainda segundo Alves (2001), o conceito de neologia acompanha o desenvolvimento das línguas. Na língua portuguesa, referências à neologia aparecem em estudos históricos. Durante a fase arcaica, o léxico foi enriquecido com estrangeirismos e formações vernáculas. No século XV, neologismos como latinismos e empréstimos foram incorporados. A expansão marítima do século XVI trouxe influências de línguas orientais, indígenas e africanas ao português, sendo que no século XVII se acentuou o legado africano.

O conceito de neologia, sempre presente na evolução das línguas, passou a incluir uma perspectiva de planejamento linguístico, com a criação de termos específicos. Jean-Claude Boulanger descreve as atividades contemporâneas da neologia: criação de novas unidades lexicais, estudo teórico das inovações, atividade institucional para registrar e

difundir neologismos e identificação de setores especializados que necessitam de novos termos. Os neologismos terminológicos, especialmente aqueles ligados ao avanço técnico-científico, devem seguir uma política de planificação linguística com critérios claros. Conforme Alves (2001):

A criação de um neologismo terminológico deve, pois, obedecer aos seguintes princípios de caráter linguístico: o neologismo deve estar em conformidade com as regras morfosintáticas da língua e adaptar-se ao seu sistema fonológico e ortográfico; deve ser adaptável a outros idiomas, por meio do emprego de elementos greco-latinos e de sufixos comuns a outros idiomas; deve denominar, o mais claramente possível, um conceito previamente delimitado e com ele estabelecer uma relação; deve ser capaz de constituir derivados.

A neologia é o processo de criação de novas palavras ou de novos significados para palavras já existentes em uma língua. Esse fenômeno ocorre naturalmente conforme mudam as necessidades comunicativas, seja por inovações tecnológicas, científicas ou culturais. Trata-se de uma manifestação da dinâmica de qualquer língua viva, que constantemente se adapta para incluir novos conceitos, objetos ou fenômenos. Além de ser um processo de renovação vocabular, a neologia também constitui um campo de estudo dedicado a observar, registrar e analisar esses novos elementos lexicais.

Esse processo pode ocorrer por várias estratégias linguísticas, como a derivação (uso de prefixos e sufixos), a composição (combinação de palavras existentes), o empréstimo de outras línguas (estraneirismos) ou a atribuição de novos sentidos a palavras já conhecidas (neologismos semânticos). A aceitação e a disseminação dessas inovações pelos falantes são fatores determinantes para a incorporação definitiva dos neologismos no léxico.

A criação e a incorporação de novos termos médicos e científicos na língua portuguesa seguem um processo dinâmico, muitas vezes influenciado por fatores históricos. O conceito de neologia está profundamente vinculado ao desenvolvimento das terminologias especializadas, como no campo da medicina. A evolução da ciência e o surgimento de novas descobertas exigem constantemente a criação de novos vocábulos ou o empréstimo de termos de outras línguas para descrever fenômenos, instrumentos e técnicas antes inexistentes.

Um fator significativo na formação de termos médicos e científicos é a persistência das raízes gregas e latinas. Essas raízes são particularmente úteis na criação de neologismos, pois permitem uma maior internacionalização dos termos, facilitando a compreensão e a aceitação em diferentes idiomas. Essa abordagem evita ambiguidades e assegura que as novas palavras estejam em conformidade com as regras morfosintáticas do português, garantindo

sua adaptação ao sistema fonológico e ortográfico vigente, como enfatizado por Alves (2007).

Os aspectos metodológicos para descrever o percurso histórico de um neologismo exploram os três momentos identificados por Barbosa (1978): o momento da criação; o período pós-criação, em que se avalia a aceitação do termo pelos falantes; e o processo de desneologização, quando o termo deixa de ser percebido como novidade. O período pós-criação e a desneologização são geralmente mais longos e precisam ser identificados com base em pistas textuais, como o uso de aspas, itálico ou expressões que indiquem que a palavra é recente.

A desneologização ocorre à medida que os falantes se familiarizam com o termo, levando à sua aceitação. A inserção da nova unidade lexical em dicionários é uma forte evidência de sua consolidação. A frequência crescente de uso em textos também sugere que o termo já se tornou parte do vocabulário comum, deixando de ser percebido como novidade e tornando-se integrante do léxico. Esse fenômeno é particularmente relevante em áreas dinâmicas como a medicina, em que a rápida evolução das práticas e descobertas exige a constante atualização do vocabulário.

Destaca-se a importância do latim antigo, moderno e científico na criação de termos utilizados em campos como a medicina e a ciência. O latim foi amplamente empregado durante séculos como língua da educação e da comunicação científica, influenciando a formação de muitas palavras eruditas em português. O latim científico, desenvolvido entre os séculos XV e XVIII, desempenhou papel crucial na introdução de neologismos, especialmente em áreas técnicas e acadêmicas. Além disso, é importante diferenciar o latim da Antiguidade (utilizado antes da Idade Média) do latim moderno ou neolatim (a partir do Renascimento) e do latim científico, destacando a evolução contínua e a criação de novos termos ao longo dos séculos.

Outro fenômeno frequente observado na obra é o empréstimo linguístico, que consiste na incorporação de termos de outras línguas para suprir lacunas lexicais ou conceituais. No contexto da linguagem médico-científica do século XVIII, muitos neologismos foram introduzidos por meio de empréstimos eruditos do latim e do grego, refletindo a necessidade de uniformizar e sistematizar a comunicação científica. Esses empréstimos configuram um tipo de neologia por empréstimo retrospectiva, pois representam inovações lexicais de sua época que, posteriormente, foram incorporadas ao português e à terminologia médica moderna. Atualmente, observa-se fenômeno semelhante com a incorporação de palavras e expressões provenientes, sobretudo, do inglês, em virtude de sua hegemonia nas áreas

científica e tecnológica. O processo de adaptação desses termos ao português envolve, frequentemente, ajustes fonéticos e ortográficos para adequação ao sistema da língua.

1.4. Neologismos

O léxico de uma língua é considerado um elemento fundamental para a humanidade, pois reflete o pensamento, a sociedade e o mundo. Ele é composto por um conjunto de palavras, ou lexias, que estão em constante renovação. Novos termos surgem naturalmente para nomear novas categorizações e experiências, muitas vezes sem que os falantes percebam o processo criativo. A criação lexical é impulsionada tanto por necessidades comunicativas quanto pelo desejo de expressar valores e pontos de vista pessoais, utilizando marcas morfológicas e processos derivacionais que indicam o perfil sociolinguístico do emissor.

A neologia, enquanto processo de renovação lexical, envolve a criação de novos significantes e significados, regulada por um conjunto de regras. Esse processo gera neologismos, que são os produtos finais e podem surgir a partir de alterações fonológicas, semânticas ou morfológicas, como a adição de afixos. Além disso, ao entrarem na comunicação, esses neologismos sofrem ajustes em seus traços sintáticos e semânticos conforme o contexto.

O conceito de neologia abrange todos os fenômenos novos que afetam uma língua, sobretudo no nível lexical. Guilbert (1975) definiu a neologia como a criação de novas unidades lexicais, incluindo inovações e empréstimos de outros idiomas. Jean-Claude Boulanger ampliou essa definição, descrevendo o neologismo como uma unidade lexical recente, uma nova acepção de uma palavra existente ou um termo estrangeiro recentemente aceito na língua. O termo “neologismo” foi registrado no século XVIII, e dicionários como o de Frei Domingos Vieira também documentaram a neologia, os neologismos e seus usuários frequentes. Embora o termo tenha sido formalizado mais tardiamente, o conceito acompanha o desenvolvimento lexical das línguas desde os seus primórdios.

A criação lexical, incluindo a formação de neologismos, depende não apenas da estrutura formal das palavras, mas também do contexto comunicativo, dos objetivos do emissor e do ambiente intra e extralinguístico. O neologismo só se realiza plenamente como signo linguístico no momento em que é utilizado numa situação específica de comunicação, adquirindo novos traços sintáticos e semânticos definidos pelo contexto discursivo e ideológico em que ocorre a interação entre os interlocutores.

Polguère (2018) define léxico como o conjunto de palavras de uma língua, destacando que esse conjunto é fluido e constantemente renovado. Novos vocábulos surgem naturalmente em resposta às necessidades de comunicação, criando denominações para novas categorizações. Palavras também podem ser criadas para expressar o ponto de vista do emissor, por meio de marcas morfológicas que alteram pragmaticamente seus significados. Esses processos derivacionais revelam o perfil sociolinguístico do usuário. Alves (2009) reforça que a neologia, além de ser estudada no âmbito morfológico, também se relaciona com outros níveis linguísticos, incluindo neologismos fonológicos e semânticos, que decorrem de mudanças de fonemas, prefixos ou sufixos.

Alves (2007) destaca que novas palavras podem ser criadas por mecanismos da própria língua ou por empréstimos de outros sistemas linguísticos. Pode-se definir neologia como o processo de criação de novas formas linguísticas, e neologismo como o produto desse processo. A criação lexical é complexa, pois envolve a seleção e formulação de proposições que permitam ao interlocutor compreender a informação. O neologismo serve como ferramenta para transmitir algo novo ou atribuir novos sentidos a palavras, reformulando as experiências linguísticas e culturais do destinatário.

O processo de criação lexical, especialmente de neologismos, deve ser analisado considerando a situação de produção, o tipo de discurso e o contexto linguístico. A caracterização formal e funcional de um neologismo só pode ser feita durante o ato de comunicação entre interlocutores, no qual o papel ideológico da linguagem influencia o sentido da palavra. Além disso, a troca de informações em um ato neológico é condicionada pelo universo discursivo, pelos objetivos do emissor e pelo contexto intra e extralinguístico. As lexis, incluindo as neológicas, somente alcançam seu valor pleno quando utilizadas em um contexto comunicativo, momento em que seus traços semânticos e gramaticais são ajustados às necessidades do discurso. Portanto, a compreensão dos neologismos exige a análise do contexto em que são empregados, evidenciando a flexibilidade da linguagem como meio de comunicação e expressão.

A incorporação de neologismos por empréstimo ao léxico português ocorre quando palavras ou expressões estrangeiras são adotadas na língua. A fase neológica desses empréstimos e a forma como eles são integrados ao sistema linguístico obedecem a critérios morfossintáticos, semânticos e fonológicos. A adaptação das palavras estrangeiras depende de sua utilização em contextos específicos e da aceitação por parte dos falantes. Além disso, os diferentes tipos de neologismos, incluindo neologismos formais (derivação e composição),

semânticos (atribuição de novos sentidos a palavras existentes) e por empréstimo (adoção de termos de outras línguas), resultam de processos diversos.

Adota-se a classificação proposta por Guilbert (1975, p. 92-93), segundo a qual o lexema externo à língua constitui um estrangeirismo ou um empréstimo. No primeiro caso, incluem-se nomes próprios, patronímicos e termos que exprimem realidades sem correspondência na língua receptora. O empréstimo constitui o elemento já integrado ao sistema linguístico adotante, como explica Weinreich (1979, p. 11):

“Quando um falante da língua x emprega uma forma de origem estrangeira não como um empréstimo eventual da língua y, mas porque ele ouviu o termo estrangeiro sendo usado por outros falantes em x — enunciados, este elemento externo pode ser considerado, do ponto de vista descritivo, como parte da língua x”.
(Alves, 1984, p. 120)

Conforme Alves (1984), o processo de integração envolve três fases principais: o estrangeirismo, o empréstimo e o chamado “peregrinismo”, quando o termo estrangeiro ainda está em fase de adaptação. A aceitação de neologismos por empréstimo no português é complexa e envolve a incorporação gradativa dos termos ao sistema fonológico, morfológico e semântico da língua receptora. Uma vez aceitos, esses vocábulos podem ser totalmente incorporados ao léxico, seguindo as convenções da língua.

A integração de neologismos ao português reflete a capacidade de renovação da língua, especialmente diante de influências culturais e tecnológicas. A adaptação desses termos garante que a língua permaneça atualizada e rica em novas formas de expressão.

Em português, o léxico foi enriquecido por estrangeirismos e formações vernáculas desde a fase arcaica, com influências do francês, provençal, grego, latim e outras línguas, como registrado por Haury (1989) e Paiva (1988), de acordo com Alves (2001). Esses neologismos foram adaptados à pronúncia e à ortografia do português ao longo do tempo.

A partir do século XVI, a expansão marítima portuguesa e o contato com povos conquistados expuseram a língua a influências de outros idiomas, especialmente no Oriente. No Brasil, a influência indígena no léxico teve início nesse período, e, a partir do século XVII, o legado lexical africano tornou-se relevante com a chegada dos escravos. A literatura brasileira do século XVIII refletiu essas contribuições indígenas e africanas. No século XIX, autores como José de Alencar e Rui Barbosa destacaram a inovação lexical. Já no século XX, surgiram muitos neologismos formados por processos vernaculares (derivação e composição), marcando a obra de escritores como Guimarães Rosa e Mário de Andrade.

Nesse período, também se intensificou a introdução de empréstimos do inglês, impulsionados pelo desenvolvimento técnico-científico.

A partir da década de 1950, surgiram estudos sobre neologia em francês, influenciados pelos métodos da análise estrutural e pela Lexicologia, que se consolidava como subárea da Linguística. Segundo Dubois (1962), apesar dos avanços da linguística sincrônica e da análise estrutural, a Lexicologia ainda enfrentava incertezas típicas de uma ciência em consolidação. O primeiro estudo de análise neológica foi de Peter Wexler, que descreveu o vocabulário das ferrovias em 1955, influenciando trabalhos posteriores como os de Dubois (1962) e Guilbert (1965), que analisaram vocabulários técnicos de áreas como política, aviação e astronautica. Esses estudos concentravam-se na descrição morfológica e semântica dos vocabulários técnicos, enfatizando os processos de formação e as relações semânticas (sinônimos, antônimos e hiperonímia/hiponímia) nas unidades lexicais neológicas, vinculando-as à Morfologia e à Semântica Lexical, áreas estruturais da Lexicologia.

A partir da década de 1970, o conceito de neologia tornou-se polissêmico devido ao desenvolvimento dos estudos terminológicos, tanto descritivos quanto normativos. O neologismo passou a desempenhar um papel importante não apenas na língua geral, mas também nas línguas de especialidade, sendo definido pela Norma ISO 1087 como um termo recém-criado ou recentemente emprestado de outra língua ou área do conhecimento. Essa mudança ampliou o conceito de neologia, que antes se restringia à formação de novas palavras. A neologia passou a se conectar mais fortemente à Terminologia, gerando termos específicos para designar novos conceitos, como “neônimo” e “neotermo”.

O conceito de neologia abrange a criação prática de novas palavras, seja na língua geral ou em áreas especializadas, usando mecanismos de criatividade lexical, de forma consciente ou inconsciente; o estudo teórico e aplicado das inovações lexicais, com análise dos processos de criação, critérios de aceitação e difusão, além dos aspectos sociais e culturais; a atividade institucional de coletar, registrar, difundir e implantar essas inovações dentro de uma política linguística; a identificação de setores novos ou com lacunas que necessitam de intervenção terminológica; e a relação com dicionários, tanto gerais quanto especializados.

Os neologismos terminológicos, criados para atender às demandas do desenvolvimento técnico-científico, devem estar vinculados a uma política de planejamento linguístico que define critérios claros para sua criação.

Assim, podem-se sistematizar os critérios para a criação de neologismos em três áreas principais:

Caráter linguístico: o neologismo deve seguir as regras morfossintáticas, fonológicas e ortográficas da língua; ser adaptável a outros idiomas por meio de elementos grecolatinos; denominar um conceito de forma clara e permitir a formação de derivados.

Caráter sociolinguístico: deve estar alinhado com a política linguística, ser adequado ao nível de uso da língua, surgir de uma necessidade e evitar conotações negativas.

Caráter metodológico: a criação deve envolver especialistas da área, considerar o sistema conceitual em que o termo se insere e revisar formas inadequadas, mesmo que já consolidadas.

1.5. Etimologia

A etimologia exige um método rigoroso e uma análise detalhada para investigar as origens das palavras. Viaro (2013) enfatiza que o processo não pode ser simplificado e precisa considerar toda a sua complexidade. À medida que se retrocede no tempo, os métodos etimológicos se adaptam, assim como a História evolui para Arqueologia e Paleontologia. É importante distinguir entre o étimo, que é a origem aparente de uma palavra, e sua verdadeira origem. Enquanto as palavras latinas têm origens documentadas, as indo-europeias são reconstruções hipotéticas, o que ressalta a importância de uma metodologia bem definida.

A ausência de uma definição exata para o método etimológico frequentemente provoca confusão entre informações e hipóteses de reconstrução. As restrições metodológicas, em geral, não questionam a autenticidade do étimo, mas sim as premissas utilizadas pelo etimólogo. Por isso, é fundamental que as conclusões etimológicas sejam sustentadas por dados comparativos e argumentos consistentes. O conceito de terminus a quo é indispensável para definir um método etimológico apropriado. Trata-se da datação mais antiga registrada de uma palavra, que serve como referência cronológica para os estudos etimológicos.

Na etimologia, existe confusão frequente no uso dos termos “étimo”, “etimologia” e “origem”, agravada por ideologias, como a xenofobia contra palavras estrangeiras. Embora o português tenha origem no latim, influências de outras línguas neolatinas, como o francês no século XIX, também são relevantes. Um estudo etimológico rigoroso deve evitar simplificações que comprometam sua objetividade. O terminus a quo é essencial para corrigir

falhas da Gramática Normativa e aprimorar as datações. Com a internet e o uso crescente da linguagem informal, a abundância de dados também traz o desafio de datar corretamente esses textos, algo crucial para uma etimologia confiável.

Uma das funções do etimólogo é reunir contextos em obras específicas e vinculá-los à data de publicação dessas obras, que, por sua vez, precisam ser edições confiáveis. A partir dessas datas, torna-se possível determinar o terminus a quo da palavra e desenvolver suas etimologias. Para melhorar as datações etimológicas, é necessário realizar investigações retrospectivas que permitam identificar a ocorrência mais antiga possível (terminus a quo), algo ainda carente no português em comparação com outras línguas. O Dicionário de Rafael Bluteau, por exemplo, é uma fonte para retroceder a datação de diversas palavras, contribuindo para o estudo de neologias retrospectivas, isto é, de unidades lexicais que eram novas em seu contexto histórico. Esse tipo de investigação insere-se na abordagem diacrônica, pois permite compreender a trajetória temporal dos termos e corrigir equívocos de datação ou de origem etimológica. Um exemplo é o caso da expressão “fazer com que”, cuja forma histórica foi discutida por Lindolfo Gomes, ilustrando como a análise histórica do léxico possibilita revisões fundamentadas da história da língua.

A etimologia é um campo complexo que exige rigor, clareza terminológica e atenção à datação, contribuindo para corrigir erros na Gramática Normativa e para compreender as origens das palavras. O conceito de terminus a quo é utilizado nos estudos etimológicos para designar a ocorrência mais antiga documentada de uma unidade lexical. Essa data não necessariamente coincide com o momento da criação do neologismo, mas indica que a palavra já era utilizada em determinado período. A identificação do terminus a quo é fundamental para determinar a antiguidade de uma palavra e construir hipóteses sobre quando um termo era considerado um neologismo. Embora o momento exato da criação da palavra seja frequentemente incerto, essa datação oferece uma referência cronológica importante para estudar sua evolução e integração. É importante enfatizar que a data da primeira ocorrência indica que o termo já estava em uso naquele momento, mesmo que sua origem seja anterior.

Além de aspectos metodológicos, compreender a evolução histórica do português envolve considerar a formação de seu léxico, que se deve em grande parte à evolução do latim.

A evolução do latim clássico ocorreu de forma gradual, marcada por transformações fonéticas, morfológicas e sintáticas. O latim vulgar, falado pelas classes populares e transmitido oralmente, desempenhou papel crucial nesse processo. À medida que o Império Romano se expandia, o latim vulgar se diversificava, incorporando elementos das línguas

locais das regiões conquistadas. No caso do português, o latim vulgar foi influenciado principalmente pelas línguas ibéricas pré-romanas. Câmara Júnior destaca que a evolução do português resulta dessas mudanças acumulativas, ocorridas ao longo dos séculos, que culminaram na formação da língua moderna.

As palavras eruditas e populares têm origens distintas, refletindo diferentes caminhos evolutivos. As palavras populares são aquelas que evoluíram diretamente do latim vulgar, passando por um processo gradual de transformação fonética e morfológica. Já as palavras eruditas são introduções mais recentes, trazidas do latim clássico, geralmente por via escrita, sem sofrerem tantas alterações fonéticas. Essas palavras mantêm formas mais próximas de suas origens latinas, enquanto as populares exibem mudanças mais significativas, resultado do uso oral e cotidiano ao longo do tempo.

O léxico, como a parte mais característica dos dialetos sociais, apresentou sempre grandes diferenças entre o latim clássico e o latim vulgar. Nesse último, sujeito à incoercível dinâmica de uma língua viva espontânea, ele sofreu aumentos e substituições por empréstimo, não só de ordem cultural, mas também no contato íntimo com outras línguas num mesmo território regional. Surgiram novos modelos de derivação e composição. Ocorreram consideráveis mudanças de significação, por metáfora, ou ampliação ou restrição do campo semântico. (Câmara, 1975, p. 23)

Por isso, a etimologia requer um método rigoroso para investigar as origens das palavras, evitando simplificações que comprometam a objetividade. Nesse processo, é essencial distinguir entre o étimo aparente e sua verdadeira origem, sobretudo no caso de termos indo-europeus, cuja etimologia é frequentemente hipotética. Para garantir a precisão, o conceito de terminus a quo torna-se indispensável, pois permite identificar a data mais antiga em que uma palavra foi registrada, contribuindo para corrigir erros da Gramática Normativa. Além disso, a evolução do latim vulgar influenciou diretamente a formação do português, refletida tanto no uso de palavras eruditas quanto populares, que moldaram a língua moderna.

Capítulo 2 - Metodologia

O estudo da linguagem médica do século XVIII à luz da abordagem da Terminologia Diacrônica proporciona uma valiosa perspectiva etimológica, permitindo traçar a evolução e as mudanças nas expressões técnicas e científicas ao longo do tempo. Ao investigar os termos médicos utilizados naquela época, é possível não apenas compreender a evolução do conhecimento médico, mas também captar a influência das condições sociais, culturais e científicas na construção do léxico médico. A abordagem diacrônica oferece um instrumento analítico eficaz para identificar neologismos, alterações semânticas e ajustes terminológicos que refletem a dinâmica da linguagem médica ao longo das décadas.

Além disso, a análise da linguagem médica do século XVIII contribui para a preservação do patrimônio terminológico da medicina. Essa investigação não apenas enriquece o entendimento da terminologia médica, mas também resgata e documenta termos e conceitos que podem ter sido esquecidos ou substituídos ao longo do tempo. No caso deste estudo, a análise se enquadra mais adequadamente em uma perspectiva de sincronia pretérita, pois observa o funcionamento do léxico médico dentro de um recorte temporal específico, o século XVIII, descrevendo o uso e a configuração dos termos naquele momento histórico. Conforme Curti-Contessoto (2022), uma análise diacrônica, por sua vez, pode revelar que uma profusão terminológica acompanha a constituição de um conceito ao longo do tempo.

O corpus analisado da obra “Anatomia do corpo humano” de Bernardo Santucci, publicado em 1739, abrange dez capítulos, sendo do capítulo XI ao capítulo XX. O material utilizado é uma digitalização disponível no Google Books (https://www.google.com.br/books/edition/Anatomia_do_corpo_humano/D83JL7ybBeUC).

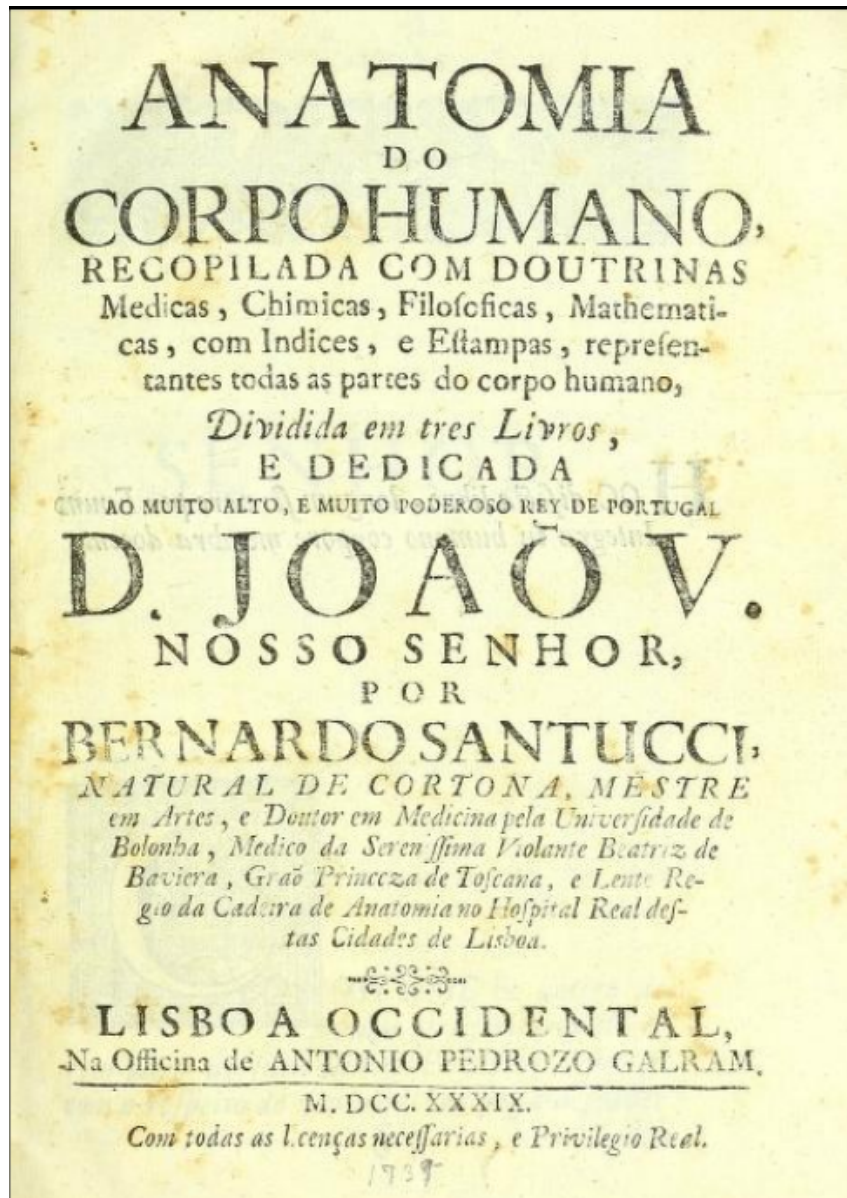
2.1. Sobre a obra analisada

O livro "Anatomia do Corpo Humano" de Bernardo Santucci foi publicado em Lisboa em 1739 e dividido em três livros que descrevem detalhadamente a anatomia humana, acompanhada por dezoito ilustrações feitas por Michel Le Bouteaux. O primeiro livro trata das entranhas, o segundo da osteologia, ou dos ossos, e o terceiro da miologia, ou dos músculos e seus movimentos.

Bernardo Santucci, nomeado em 1732 como substituto do professor de anatomia Monravá y Roca no Hospital Real de Todos os Santos, escreveu a obra para suprir as deficiências dos manuais de anatomia da época. Sua experiência levou a uma crítica por parte

de Monravá y Roca, que se declarou adversário de Santucci e publicou "Desterro Crítico de Falsas Anatomias", apontando erros na obra de Santucci e buscando revelar a verdade ao público (Abreu, 2006).

Figura 1 – Folha de rosto de “Anatomia do Corpo Humano”, de Santucci (1739)



Em 1926, o médico e jornalista Hermano Neves levantou questões controversas sobre a obra de Santucci, sugerindo que partes dela eram plagiadas de "Anatomia Corporis Humani" de Verheyen. Neves, apoiado pelo professor de anatomia José Antônio Serrano, apontou semelhanças entre as ilustrações e textos das duas obras, concluindo que Santucci havia copiado extensivamente de Verheyen sem citar a fonte, configurando plágio. Neves também respondeu às declarações de Henrique de Vilhena, que havia se mostrado surpreso

com as acusações de plágio, reafirmando suas conclusões com base nas evidências apresentadas.

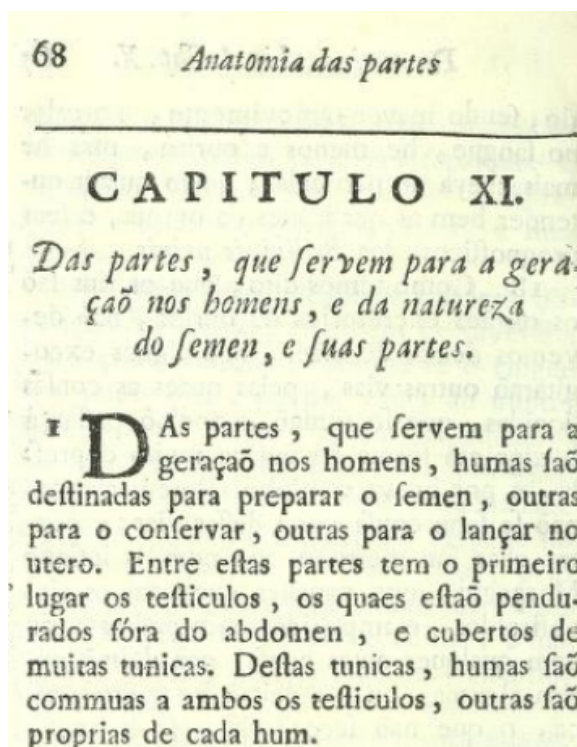
Apesar das acusações de plágio, Hermano Neves reconheceu a importância da obra de Santucci para os estudos de anatomia, destacando que, embora plagiada, a obra contribuiu para o desenvolvimento da disciplina na época.

Neves (1926) ressalta que o manual de Santucci é um livro extremamente notável para o seu tempo, tanto em termos de pureza de linguagem quanto de precisão descritiva. conforme Neves (1926), Santucci mostra em sua obra uma lista de autores a qual recorreu, desde Hipócrates e Galeno até Blancard e Stenon, embora nem sempre tenha indicado o título consultada.

O manual de Bernardo Santucci apresenta termos relacionados à anatomia humana. A importância dessas denominações nas comunicações profissionais determina a necessidade de precisão no seu uso. Serão apresentadas definições sobre terminologia, adotando uma abordagem diacrônica com o objetivo de proporcionar um entendimento mais aprofundado sobre o assunto.

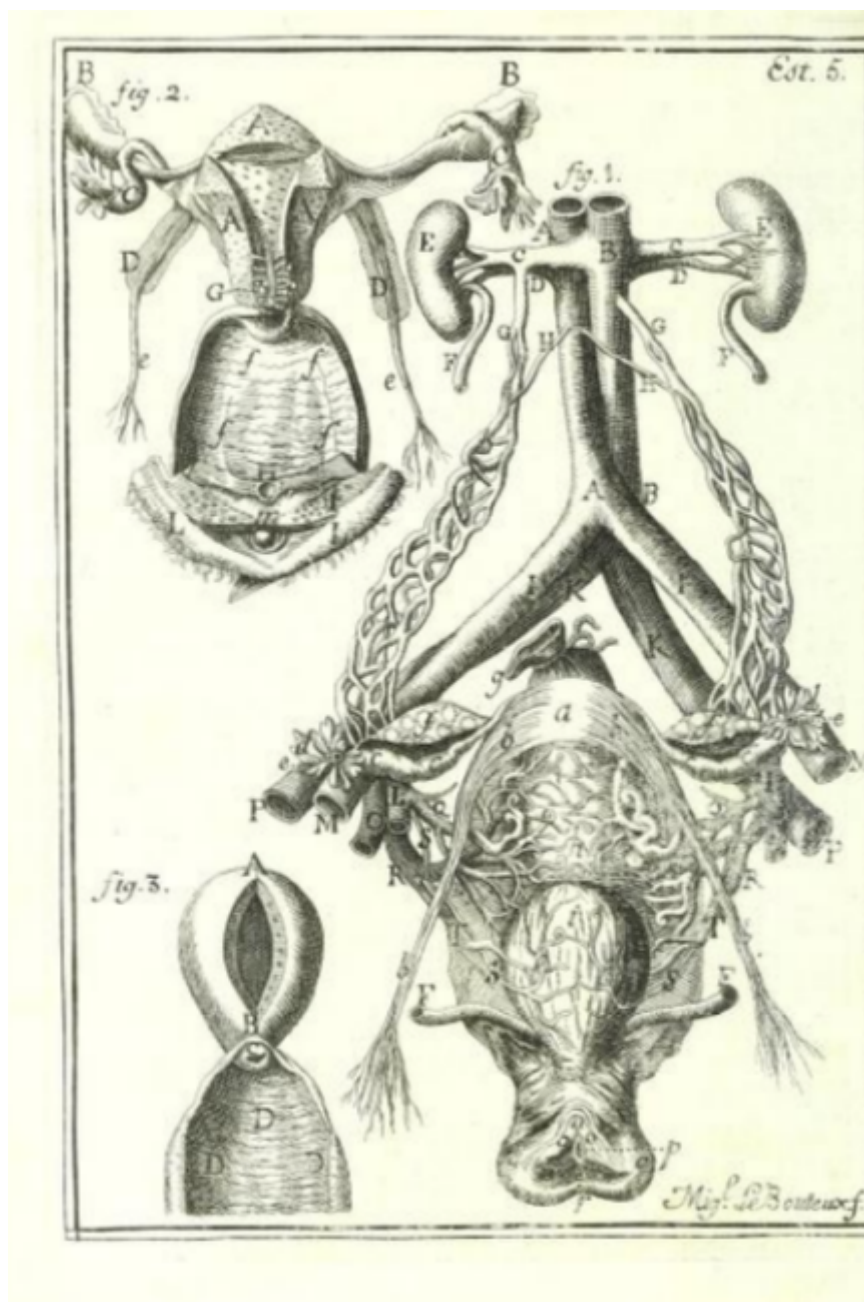
Esta investigação consiste em uma análise que tem por objetivo descrever a disseminação das palavras nesse contexto. O estudo concentra-se nos termos científicos presentes na obra de Santucci, contribuindo para a descrição das terminologias na língua portuguesa.

Figura 2 – Trecho de “Anatomia do Corpo Humano”, capítulo XI



Conforme Neves (1926), além da reorganização dos estudos anatômicos sobre a sólida base das dissecções cadavéricas, a obra de Santucci consiste, como é sabido, na sua “Anatomia do Corpo Humano”. Destaca-se a relevância da obra de Santucci na reorganização dos estudos anatômicos, baseados em dissecções cadavéricas, e a publicação de sua obra principal, bem como a análise feita por Serrano sobre esse trabalho.

Figura 3 – Ilustração de “Anatomia do Corpo Humano”



2.2. Extração dos termos

Nesta dissertação, busca-se identificar os neologismos utilizados por Santucci. Para isso, será analisado o vocabulário contido entre o capítulo XI e o capítulo XX do primeiro livro, com base no Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa. O estudo inicia-se a partir do capítulo XI, pois os capítulos anteriores já foram objeto de análise por outro pesquisador que também contribuiu com o projeto. Os capítulos posteriores aos aqui analisados integrarão pesquisas de outros estudiosos vinculados à mesma investigação. Ao examinar os

neologismos presentes na obra, é possível apresentar as terminologias médicas utilizadas na época. Os capítulos estão organizados conforme o quadro a seguir.

Quadro com os nomes dos capítulos

Capítulo	Nome do Capítulo
XI	Das partes, que servem para a geração nos homens, e da natureza do semen e suas partes.
XII	Das partes, que servem para a geração nas mulheres, e do feto no utero.
XIII	Das partes do thorax, e primeiramente das continentes proprias, e da natureza do leyte, e seus principios.
XIV	Dos bofes, e da aspera arteria e da respiração, e suas especies naturaes, e violentas, e do som, e da voz.
XV	Do coração, e arterias superiores ascendentes.
XVI	Da ramificação da arteria aorta descendente.
XVII	Distribuição da vea Cava superior descendente.
XVIII	Da vea Cava inferior ascendente.
XIX	Da vea Porta.
XX	Do uso do Coração, e circulação do sangue.

Registram-se os neologismos apresentando as seguintes informações: neologismos (grafia atualizada), grafias em Santucci, datas no Houaiss, classificações morfológicas e etimológicas e contextos em que aparecem registrados e páginas correspondentes.

2.3. Metodologia de análise

Para realizar a descrição etimológica dos termos analisados, foi adotado um protocolo metodológico já utilizado na pesquisa do mesmo projeto, como é o caso da dissertação de Luana Borges da Silva (2022). Esse protocolo tem como objetivo sistematizar o processo de identificação da origem e do uso dos termos técnicos e científicos em textos dos séculos XVII e XVIII.

1. Verificar se o significado do termo nos dicionários atuais (especialmente o Houaiss) é o mesmo empregado por Santucci;
2. Consultar a etimologia do termo no dicionário Houaiss;

3. a. Se for um termo de origem latina, consultar os dicionários de latim. Se o termo estiver presente no dicionário Oxford Latin Dictionary (OLD) e/ou no Gaffiot (<https://gaffiot.org/>), isso significa que ele já era empregado na Antiguidade; se não estiver nesses dicionários, verificar se ele aparece em textos latinos do Google Books dos séculos XVI e XVII;
3. b. Se for um termo de origem grega, consultar o dicionário de grego LSJ (Liddell, Scott and Jones) (<http://stephanus.tlg.uci.edu/lsg/#eid=1>); se estiver no dicionário, significa que já era empregado na Antiguidade; se não estiver nesse dicionário, verificar se ele aparece no dicionário de Forcellini (<http://www.lexica.linguax.com/forc.php>) e/ou em textos latinos do Google Books dos séculos XVI e XVII;
3. c. Se for um termo de origem inglesa, espanhola, francesa etc., consultar os dicionários históricos dessas línguas;
3. d. Se for um termo criado em português, verificar se tem cognatos equivalentes em outras línguas (latim, espanhol, italiano, francês, inglês, alemão);
4. Por fim, analisar se as informações assim descobertas confirmam ou contestam o que está descrito no dicionário Houaiss.

Capítulo 3 - Análise dos dados

Abreviaturas:

OLD - Oxford Latin Dictionary

Gaffiot - Dicionário de Gaffiot

LTL - Lexicon Totius Latinitatis

LSJ - Liddell, Scott e Jones

O presente capítulo dedica-se à descrição e análise detalhada de termos selecionados a partir da obra "Anatomia do Corpo Humano", de Bernardo Santucci, publicada em Lisboa, no ano de 1739. O levantamento lexical tem como finalidade evidenciar o uso de vocábulos que, por sua datação, configuração morfológica e frequência de ocorrência, podem ser compreendidos como neologismos ou como unidades lexicais que sofreram especialização semântica no contexto anatômico e médico-científico.

A coleta dos termos concentrou-se nos capítulos XI a XX do primeiro livro da obra, considerando a delimitação prévia do corpus já estudado por outros pesquisadores vinculados ao projeto do qual esta pesquisa faz parte. Além da divisão por capítulos, também foram observados agrupamentos de termos por campos semânticos e temáticos, o que contribui para uma análise mais organizada e coerente com o enfoque terminológico do estudo.

A seleção das palavras obedeceu a critérios metodológicos que envolveram, entre outros aspectos, a comparação com registros dicionarísticos contemporâneos, especialmente o Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa, a consulta a dicionários etimológicos do latim e do grego, bem como a verificação de ocorrências em tratados médicos e científicos publicados até a primeira metade do século XVIII.

Inicialmente, foram levantados 198 termos nos capítulos analisados. Desses, 26 foram identificados como neologismos na obra de Santucci, ou seja, unidades lexicais cuja data de ocorrência registrada no dicionário Houaiss é posterior à publicação da obra (1739), não havendo atestação anterior conhecida até o momento. À primeira vista, esse número pode parecer reduzido. No entanto, é necessário considerar a relevância linguística e histórica dessas ocorrências: trata-se de unidades lexicais que, até onde se tem registro, não haviam sido empregadas anteriormente na língua portuguesa.

Utilizou-se o ChatGPT como ferramenta auxiliar na análise de alguns termos, com o objetivo de avaliar seu potencial para investigações terminológicas mais profundas. Para isso,

foram inseridos trechos da obra contendo os vocábulos em estudo e fornecidas instruções específicas sobre a busca de etimologias, ocorrências em textos médicos antigos e correspondências em latim ou grego. Por exemplo, ao analisar o termo bálano, o software foi orientado a identificar sua origem latina e grega e a verificar registros em dicionários históricos, como o Gaffiot e o Liddell-Scott-Jones. No entanto, como o programa não acessa diretamente essas fontes, foi necessário fornecer previamente os dados relevantes. Ainda assim, mesmo após a análise automatizada, a revisão manual mostrou-se indispensável para assegurar a confiabilidade e precisão dos resultados.

Cada entrada lexical apresentada é acompanhada de informações sobre a classe gramatical, a definição conforme a nomenclatura atual, a atestação mais antiga localizada na obra de Santucci e uma discussão histórico-etimológica que procura situar a origem e a evolução do termo, além de esclarecer eventuais variantes gráficas e divergências conceituais observadas nas fontes.

A sistematização desse conjunto de dados contribui não apenas para o estudo diacrônico da terminologia anatômica em língua portuguesa, mas também para a compreensão dos processos de circulação e fixação de empréstimos eruditos e de especialização vocabular que marcaram a constituição do léxico médico-científico no período moderno.

Quadro com os termos pesquisados

Nº	Termo	Definição conforme o Dicionário Houaiss
3.1	bálano	Cabeça do membro viril.
3.2	bulbo	Estrutura anatômica semelhante a um bulbo (órgão vegetal).
3.3	eritroide	Que tem a cor vermelha; também registrado como sinônimo desusado de 'túnica vaginal'.
3.4	pelve	Estrutura óssea em forma de bacia, situada na parte inferior do tronco.
3.5	erector	Diz-se de ou o que levanta ou torna ereto; erector.
3.6	clitóris	Pequeno órgão erétil do aparelho genital feminino,

		situado na porção anterior da vulva.
3.7	hímen	Prega formada por membrana mucosa que fecha parcialmente o orifício externo da vagina virginal.
3.8	cório	Membrana que envolve o embrião e o saco vitelínico; derme; membrana dos ovos; porção coriácea da asa dos insetos.
3.9	funículo	Pequena corda; cordão de fibras nervosas; cordão umbilical; filamento que liga a semente à placenta.
3.10	papila	Protuberância cônica que se projeta da superfície de um órgão; pequena elevação cônica.
3.11	tireoide	Glândula endócrina situada na frente da laringe; cartilagem da laringe em forma de escudo.
3.12	cricoide	Anel cartilaginoso que ocupa a parte inferior da laringe.
3.13	glote	Abertura triangular da laringe entre as pregas vocais; espaço compreendido entre as pregas vocais.
3.14	mitral	Relativo à válvula cardíaca entre o átrio e o ventrículo esquerdos (valva mitral).
3.15	tricúspide	Que tem três pontas; válvula cardíaca entre o átrio direito e o ventrículo direito.
3.16	tendinoso	Relativo a tendão; que é da natureza dos tendões; formado por tendões.
3.17	coronária	Artéria que circunda o coração; estrutura em forma de coroa.
3.18	carótida	Cada uma das artérias que conduzem o sangue ao cérebro.
3.19	mamário	Relativo à mama ou seio.
3.20	metacarpo	Parte da mão entre o carpo e os dedos.

3.21	bronquial	Relativo aos brônquios.
3.22	duodenal	Relativo ao duodeno.
3.23	cística	Relativo ao cisto; também usado em referência à vesícula biliar.
3.24	póplite	Parte posterior do joelho; jarrete.
3.25	tarso	Esqueleto da parte posterior do pé; planta do pé; segmento distal da pata dos insetos e miriápodes.
3.26	sural	Relativo à panturrilha; diz-se das estruturas situadas na parte posterior da perna.

Relação dos termos anatômicos e médico-científicos identificados na obra “Anatomia do Corpo Humano” de Bernardo Santucci (1739), com definição conforme o Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa.

3.1. bálano

Classe gramatical: substantivo masculino

Definição: cabeça do membro viril.

Atestação mais antiga: “A parte anterior revoltada, e estendida compoem a *glande*, ou *cabeça* do membro, chamada *Balano*”. (Santucci, 1739, p. 74)

Discussão histórico-etimológica: O étimo é o latim *balanus*, que se refere aos frutos de árvores como o carvalho ou outras castanhas. Em latim, a palavra tem origem no grego βάλανος, que, segundo o dicionário de Liddell, Scott e Jones, já apresentava, além da acepção de “fruto do carvalho”, também a de “cabeça do pênis”. Porém, os dicionários de latim Gaffiot e Oxford Latin Dictionary não apresentam essa acepção; talvez o latim não tenha conhecido essa acepção, ou talvez não tenha sido registrada em textos escritos. O emprego de *balanus* no latim científico não parece ter sido comum, visto que não foi possível encontrá-lo

em obras médicas no Google Books. O próprio Santucci inclui *bálano* como um dos sinônimos de *glande* ou *cabeça* do membro masculino, mas prefere empregar o termo *glande*.

3.2. bulbo

Classe gramatical: substantivo masculino.

Definição: Estrutura anatômica semelhante a um bulbo (órgão vegetal).

Atestação mais antiga: “A *uretra* he hum *cano cylindrico*, que principia do collo da *bexiga* até o fim do membro, pela parte exterior. [...] A sua parte posterior por causa da sua figura he de alguns chamada *Bulbo*”. (Santucci, 1739, p. 74)

Discussão histórico-etimológica: O étimo é a forma latina “*bulbus*”, que entra na língua portuguesa pela via erudita; a forma popular equivalente é “*bolbo*”, que não é empregada por Santucci. Em latim científico, já é possível encontrar a expressão “*bulbus penis*” (bulbo do pênis), por exemplo, na obra *Acta Eruditorum* (1705 - https://www.google.com.br/books/edition/Acta_eruditoium/59UxAQAAMAAJ).

3.3. eritroide

Classe gramatical: substantivo feminino

Definição: O mesmo que “*túnica vaginal*”.

Atestação mais antiga: “As *tunicas* proprias são duas, das quaes a primeira he chamada vaginal [...]. Esta pela parte posterior tem uma dilatação de fibras musculares, que chamaõ musculo *Cremaster*, e alguns chamaõ *Erythroide*, ou tunica vermelha”. (Santucci, 1739, p. 69)

Discussão histórico-etimológica: O dicionário Houaiss registra “eritroide” como um adjetivo, significando “que tem a cor vermelha”. Além disso, registra também “elitroide”, como um sinônimo desusado de “*túnica vaginal*”. As duas formas não seriam apenas variantes fonéticas, mas cada uma teria o seu próprio étimo: a forma com R “eritroide”,

atestada em Santucci com a grafia “erythroide”, teria como étimo o latim *erythros*, por sua vez um empréstimo do grego ἐρυθρός (conforme informa o dicionário de Gaffiot), já atestado em Plínio. A forma com L “elitroide” teria como étimo o latim *elytroides* (registrado no Oxford Latin Dictionary), também por sua vez um empréstimo do grego ἐλυτροειδής (registrado no dicionário de Liddell, Scott e Jones), empregado por autores da Antiguidade, como Celso e Rufo de Éfeso, já para designar a túnica vaginal. O próprio dicionário de Liddell, Scott e Jones informa que o latim *tunica vaginalis* é um decalque da expressão grega ἐλυτροειδής χιτών. Dessa forma, a grafia com R presente em Santucci seria etimologicamente inadequada, fruto de uma possível confusão decorrente da semelhança entre os dois adjetivos gregos. Porém, ainda segundo o dicionário de Liddell, Scott e Jones, Galeno já havia empregado a variante ἐρυτρο-ειδής, o que pode ter sido um erro de cópia, mas que pode ter contribuído para a confusão apresentada por Santucci. Na verdade, Santucci pode estar reproduzindo uma confusão já presente em autores anteriores, visto que o termo *erythroides*, em latim científico, para designar a túnica vaginal, já aparece, por exemplo, na “Anatomia” de Caspar Bartolini, 1666 (https://www.google.com.br/books/edition/Anatomia_ex_Casp_Bartholini_Parentis_Ins/pFtAxUtFIPIC).

3.4. pelve

Classe gramatical: substantivo feminino

Definição: estrutura óssea em forma de bacia presente no esqueleto de muitos vertebrados, situada na parte inferior do tronco

Atestação mais antiga: Os nervos também, que vão aos testículos, e ao Escroto, sahem dos plexos da pelve , e dos Lombares. (Santucci, 1739, p. 71)

Discussão histórico-etimológica: A palavra "pelve" é registrada no dicionário Houaiss como substantivo feminino e, conforme a definição anatômica, refere-se à estrutura óssea localizada na parte inferior do tronco. O seu étimo é o latim *pelvis*, que significa "bacia" (especialmente de metal, usada para lavar os pés), atestado já na Antiguidade, segundo o dicionário de Gaffiot. O emprego mais antigo que encontramos no latim científico do termo

pelvis com o sentido da estrutura óssea está na obra “Theatrum Anatomicum” de Gaspard Bauhin (1605 -

https://www.google.com.br/books/edition/Caspari_Bauhini_Basileensis_Theatrum_ana/X5nsyG0ws_0C). Portanto, o termo em português deriva do sentido já presente no latim científico. Em outras obras em latim, também foi possível encontrar o emprego de *pelvis* para outras estruturas anatômicas semelhantes a uma bacia, como *pelvis cerebri* (bacia do cérebro), presente na obra “The Physical Dictionary” de Stephen Blanckard, 1708 (https://www.google.com.br/books/edition/The_Physical_Dictionary_The_Fifth_Editio/xb04UrTgYo0C).

3.5. eretor

Classe gramatical: adjetivo

Definição: diz-se de ou o que levanta ou torna ereto; erector.

Atestação mais antiga: "Finalmente, tem o membro tres pares de musculos: o primeiro par he dos musculos erectores, que principia dos ossos da pubes, e termina nos corpos cavernosos do mesmo membro." (Santucci, 1739, p. 76)

Discussão histórico-etimológica: O termo "erectores" aparece no dicionário Houaiss como adjetivo e substantivo masculino, relacionado ao ato de erguer ou tornar algo ereto, especialmente em contextos anatômicos. Seu uso mais comum refere-se aos músculos que desempenham a função de levantar ou manter partes do corpo em posição ereta, como os "músculos erectores". O étimo é o latim *erēctor, ōris*, que significa "aquele que ergue" ou "aquele que constrói", já empregado na Antiguidade, segundo o dicionário de Gaffiot. O verbo latino *erigo* ("erguer", "levantar") está na raiz do substantivo, conferindo-lhe o sentido literal de "aquele que eleva". No contexto da anatomia, a função de levantar ou manter em posição vertical, como em "músculo erector", deriva diretamente do significado etimológico de "elevar" ou "erguer". A associação com músculos que desempenham essa função no corpo humano remonta à terminologia anatômica da Antiguidade. O uso da palavra em Santucci (1739) exemplifica a presença do termo na literatura médica da época, em que se faz referência aos "músculos erectores" do membro masculino, os quais têm origem nos ossos

púbicos e se inserem nos corpos cavernosos. A expressão latina *musculi erectores* em referência aos músculos eretores do pênis já aparece no latim científico anteriormente a Santucci, como, por exemplo, na obra “Tabulae Anatomicae” de Johann Adam Kulm (1732 - https://www.google.com.br/books/edition/Tabulae_anatomicae_in_quibus_corporis_hu/ITCIBCi4zUoC).

3.6. clitóris

Classe gramatical: substantivo masculino

Definição: pequeno órgão erétil do aparelho genital feminino, situado na porção mais anterior da vulva, que se projeta entre os pequenos lábios e é composto de uma glândula, um corpo e dois pedúnculos.

Atestação mais antiga: Na parte superior das pudendas está a clitóris , que he hum corpo roliço , o qual na grandeza , e na figura , he como a extrema parte do dedo mêmbrinho de huma criança , a sua substancia he esponjosa , e muy femelhame à do membro viril. (Santucci, 1739, p. 80)

Discussão histórico-etimológica: O termo é documentado em português desde 1789. Em outras línguas modernas, registra-se no francês clitoris (1611) e no inglês clitoris (1615).

O étimo é o latim científico clitoris, empréstimo direto do grego κλειτορίς (kleitorís). O Dicionário Houaiss menciona o étimo clitoris como derivado diretamente do grego e indica que as formas clitóris/clitoris em português procedem do radical nominativo grego, enquanto a forma clitoríde tem origem no acusativo grego (kleitorída). A adoção desse termo no léxico anatômico europeu se consolidou no século XVII, passando progressivamente ao português médico-científico.

3.7. hímen

Classe gramatical: substantivo masculino

Definição: prega formada por membrana mucosa e que fecha parcialmente o orifício externo da vagina vaginal.

Atestação mais antiga: “Quasi no meyo das partes pudendas esta o orifício da baina, que tem ao redor huma substancia esponjosa, e hum circulo membranoso, que os Anatomicos chamão Hymen.” (Santucci, 1739, p. 81)

Discussão histórico-etimológica: O étimo é o grego ὑμήν (humén), que significa “membrana” ou “película que envolve vários órgãos do corpo”. A forma latina hymen (genitivo hymenis) designa diretamente a membrana anatômica e é atestada, por exemplo, no comentário de Servius à Eneida de Virgílio (Serv. En. 4, 99). Em português, o termo hímen aparece registrado como forma histórica já em 1877, embora seu uso técnico na anatomia remonte a períodos anteriores, como demonstra a ocorrência em Santucci (1739).

Convém distinguir este uso anatômico da forma homógrafa Hymen (com inicial maiúscula), que procede do grego Ὑμήν (Hymén), nome do deus do casamento e também do canto nupcial (chant d’hyménée), como se lê em Ovídio (Heroides 6, 44 e 12, 137; Metamorfoses 1, 480). Enquanto Hymen tem origem mitológica e ocorre principalmente no nominativo e vocativo singular, hymen, hymenis é um substantivo comum de sentido estritamente anatômico, sem conotação religiosa.

Portanto, o termo empregado por Santucci corresponde inequivocamente ao segundo uso — hymen = “membrana”, já conhecido no latim científico renascentista, e não ao nome próprio do deus do matrimônio.

3.8. cório

Classe gramatical: substantivo masculino

Definição: Em embriologia, o termo pode designar, nos répteis, aves e mamíferos, uma membrana celular que envolve o embrião e o saco vitelínico e que, nos mamíferos placentários, associa-se ao alantoide para formar a placenta. Ainda no campo da embriologia, também se refere a uma membrana acelular que reveste o ovo de diversos animais, como peixes e insetos. Na área da histologia, é empregada para nomear a membrana correspondente à derme. Já na anatomia zoológica, pode indicar uma membrana flexível presente entre os segmentos ou apêndices dos artrópodes, bem como a porção proximal, coriácea ou córnea, da asa anterior dos insetos hemípteros.

Atestação mais antiga: “A’ membrana chamada chorion esta unida a placenta. Ella he huma certa maça carnosa, molle e de cor vermelha, do feitio de huma tigella pouco funda, tem muitas veas e artérias.” (Santucci, 1739, p. 92)

Discussão histórico-etimológica: O termo português cório tem como étimo o grego χόριον (chorion), designando a membrana que envolve o embrião. A forma latina científica chorion foi amplamente empregada em tratados médicos e embriológicos. O registro do termo em português data de 1836, conforme atesta o Novo diccionario critico e etymologico da lingua portugueza, de Francisco Solano Constâncio. Não há relação com os termos chōrīcus (relativo aos coros) e chōrīcī (coristas), que derivam do grego χορικός e dizem respeito ao canto coral ou à poesia coral.

3.9. funículo

Classe gramatical: substantivo masculino

Definição: cordão de fibras nervosas; cordão umbilical.

Atestação mais antiga: “Estes vasos saindo fora do feto estão como retorcidos, e fôrmaõ o funiculo umbilical, chamado vide em Portuguez.” (Santucci, 1739, p. 95)

Discussão histórico-etimológica: O termo funículo provém do latim *funiculus*, i, que significa “pequena corda”, diminutivo de *funis* (“corda”). O latim *funiculus* já aparece empregado em autores como Catão (*De Agricultura* 63), Cícero (*Inventiones* 2, 154), Plínio (*História Natural* 17, 182) e na Vulgata com o sentido de “cordão”, “cordel”, “lote demarcado” ou “limite”. A acepção anatômica de “cordão umbilical” constitui uma especialização posterior pela analogia da forma alongada e filamentosa com uma corda.

3.10. papila

Classe gramatical: substantivo feminino

Definição: Qualquer protuberância cônica que se projeta a partir da superfície de um órgão ou organismo. Pequeno relevo existente na superfície de certos tecidos; tórulo. Tipo mais simples de pelo, que consiste em uma excrescência da membrana da célula epidérmica, em forma de dedo de luva curto, presente, por exemplo, nas pétalas de várias flores. Qualquer pequena elevação cônica.

Atestação mais antiga: “As papillas são aquelles corpos redondos, que se observaõ levantados no meyo das mamas, os quaes tem ao redor hum circulo, que tem differente cor da cute, e està cheyo de glandulas, e o tal circulo se chama Areola.” (Santucci, 1739, p. 98)

Discussão histórico-etimológica: O termo papila provém do latim *papilla*, ae, que significa “botãozinho”, “bico do peito”, “mamelon”, “tétina”. Esta forma latina é relacionada com *papula*, usada para designar pequenas saliências ou pústulas. O latim *papilla* é atestado em diversos autores, como Columela (*De Re Rustica* 9, 11, 4), Plínio (*Epistulae* 3, 6, 2), Catulo (66, 81), Virgílio (*Eneida* 11, 803) e Ovídio (*Amores* 1, 4, 37). A acepção anatômica e botânica do termo em português é registrada a partir de 1788.

3.11. tireoide

Classe gramatical: adjetivo de dois gêneros/substantivo feminino

Definição: Diz-se de ou glândula endócrina situada na frente da laringe, responsável pela secreção dos hormônios tireoideanos e sob controle da hipófise.

Atestação mais antiga: “As cartilagens são cinco, a primeira se chama thyroides Grego, que vai o mesmo, que scutiformis em Latim, porque tem fôrma de hum escudo; pela parte de dentro he concava, e por fôra tem huma eminencia, principalmente nos homens.” (Santucci, 1739, p. 105)

Discussão histórico-etimológica: O termo tireoide tem origem no grego θυρεοειδής (thureoeidês), que significa “semelhante a um escudo comprido”. Este adjetivo é derivado de θυρεός (thureós), “escudo comprido (em forma de porta)”, por sua vez procedente de θύρα (thúra), “porta”. O termo latino científico foi transliterado como thyroïdes ou thyreoides, e posteriormente adaptado às formas modernas tireoide e tireoides. A forma histórica thyreöide é datada de 1899, referindo-se principalmente ao adjetivo. No trecho de Santucci, o uso do termo é aplicado à cartilagem tireoide (escutiforme), a maior da laringe, observando-se já a associação morfológica ao formato de escudo.

3.12. cricoide

Classe gramatical: adjetivo de dois gêneros/substantivo feminino

Definição: Diz-se de ou anel cartilaginoso que ocupa a parte inferior da laringe.

Atestação mais antiga: “Esta segunda cartilagem se chama crícoides, que val o mesmo que anulars porque imita a figura do anel, de que usaõ os Turcos, que pela parte anterior he estreita, pela posterior he larga.” (Santucci, 1739, p. 106)

Discussão histórico-etimológica: O termo cricoide provém do grego κρικοειδής (krikoeidēs), que significa “em forma de anel”. Este adjetivo é formado a partir de κρίκος (kríkos), “anel, círculo”, associado ao sufixo -ειδής (-eidēs), “semelhante a”. No latim científico e na terminologia anatômica moderna, a forma foi adaptada como cricoides e consolidada na designação da cartilagem anular situada na parte inferior da laringe. A ocorrência no texto de Santucci demonstra o uso já especializado do termo em meados do século XVIII. O termo cricoide também aparece na obra “Anatomia chirurgica cioè Istoria anatomica dell'ossa, e muscoli del corpo umano, con la descrizione de' vasi che scorrono per le parti esterne, & in particolare per gl'articoli, & vn breue Trattato della circolazione del sangue in questa seconda impressione riformata, & accresciuta di molte riflessioni pathologiche chirurgiche. Di Bernardino Genga da Mondolfo”, anatomista italiano, em 1686.

3.13. glote

Classe gramatical: substantivo feminino

Definição: Abertura triangular na parte mais estreita da laringe, circunscrita pelas duas pregas vocais inferiores, com cerca de 16 mm de comprimento e abertura máxima de cerca de 12 mm. Impede a passagem de alimentos para a árvore brônquica e facilita a entrada e a saída de ar para os pulmões.

Atestação mais antiga: “A quinta cartilagem se chama epiglottis, porque està posta sobre a abertura do larynx, que os Gregos chamaõ glottis, para que nella não caya alguma cousa, e tem semelhança de folha de hera, une-se com a língua, e com o osso hyoide por meyo de tres ligamentos.” (Santucci, 1739, p. 107)

Discussão histórico-etimológica: O termo glote provém do grego γλωττίς (glôttis), que significa “lingueta de um instrumento de sopro” e, por extensão, “glote” ou “úvula”. No latim científico, a forma glottis foi empregada com este sentido anatômico. No grego antigo, além do uso anatômico, γλωττίς também designava a palheta de instrumentos musicais de sopro e até alguns objetos de forma alongada. No latim, glottis é registrado com estas acepções, mas

o uso anatômico se consolidou sobretudo na terminologia médica moderna. A data de registro histórico para a forma glottis é 1789.

3.14. mitral

Classe gramatical: substantivo feminino

Definição: Redução de “valva mitral”; válvula do coração situada entre o átrio esquerdo e o ventrículo esquerdo, composta por duas cúspides.

Atestação mais antiga: “Aos orifícios destes valos estão pegadas as valvulas, as arterias tem as valvulas chamadas semilunares, e as veas, as que se chamaõ mitraes, ou tricuspides, das quaes valvulas duas pertencem à vea pulmonar, e tres à vea Cava.” (Santucci, 1739, p. 127)

Discussão histórico-etimológica: O termo mitral deriva do latim mitra, por sua vez do grego μίτρα (mítra), que designava originalmente uma “faixa, cinta, turbante ou barrete usado na cabeça”, e também um “enfeite oriental”. Na anatomia, a denominação mitral alude à semelhança da válvula com uma mitra (chapéu alto e pontudo usado por dignitários religiosos). O termo Mitral aparece em 1698, na obra “Opera posthuma: In quibus excellentissimi authoris vita continetur, ac pleraque quæ ab ipso priùs scripta aut inventa sunt confirmantur, & ab adversariorum objectionibus vindicantur.” de Marcello Malpighi e Pierre Regis. Assim, é possível supor que Santucci tenha recorrido a esse termo já em circulação na literatura médica da época.

3.15. tricúspide

Classe gramatical: adjetivo de dois gêneros / substantivo feminino

Definição: Que tem três pontas; tricuspídeo. Que possui três cúspides (diz-se da válvula situada entre a aurícula direita e o ventrículo direito do coração). Que tem três tubérculos (como, por exemplo, o terceiro molar superior); trituberculado.

Atestação mais antiga: “Aos orifícios destes valos estão pegadas as valvulas, as arterias tem as valvulas chamadas femilunares, e as veas, as que se chamaõ mitraes, ou tricuspides, das quaes valvulas duas pertencem à vea pulmonar, e tres à vea Cava.” (Santucci, 1739, p. 127)

Discussão histórico-etimológica: O termo tricúspide resulta da junção do prefixo tri- (“três”) com cúspide (“ponta”). No latim, é atestado como trīcuspis, ĩdis, “que tem três pontas”, como em Ovídio (Metamorfoses 1, 330). No português, registra-se também a forma tricuspídal, documentada em 1899. Na terminologia anatômica moderna, o termo designa a válvula cardíaca direita, assim chamada por apresentar três cúspides que controlam o fluxo sanguíneo do átrio para o ventrículo.

3.16. tendinoso

Classe gramatical: adjetivo de dois gêneros

Definição: Relativo a tendão; tendíneo (ex.: tecido tendinoso). Que é da natureza dos tendões (ex.: membrana tendinosa). Formado por tendões (ex.: bainha tendinosa).

Atestação mais antiga: “Estas válvulas com a sua base estão pegadas à borda continuada dos orifícios, mas com as pontas estão afastadas, e ainda que estão ligadas com fibras tendinosas, podem-se levantar, e fechar os seus orifícios.” (Santucci, 1739, p. 127)

Discussão histórico-etimológica: O termo tendinoso é formado pelo radical tendin-, derivado do latim científico tendo, ĩnis, que significa “tendão”, acrescido do sufixo adjetival -oso. O substantivo latino tendo procede do verbo tendere (“estender, alongar, retesar”), verbo amplamente documentado na literatura clássica (ex.: Virgílio, Lucrécio, Horácio) em contextos como “esticar cordas” ou “armar o arco”. O verbo tendere tem, por sua vez, origem

comum com o grego antigo *τείνω* (*teínō*), que também significa “estender, tensionar”. Essa raiz indo-europeia (*ten-* / *t(e)nə-* “estender”) está presente em diversas palavras que remetem à ideia de tensão e alongamento. Portanto, tendinoso conserva, tanto no latim como na tradição médica e anatômica, a noção de “feito de fibras que se estendem” ou “constituído por tendões”.

3.17. coronária / coronário

Classe gramatical: coronária: substantivo feminino/ coronário: adjetivo

Definição: coronária (substantivo feminino): o Anatomia: forma reduzida de “artéria coronária”; vaso que recobre o coração, distribuindo o fluxo sanguíneo pelas paredes do órgão. Também pode designar, por extensão, qualquer estrutura anatômica em forma de coroa. coronário (adjetivo) Coronal, relativo a coroa ou à coroação. Anatomia: que recobre um órgão ou parte do corpo como se fosse uma coroa (ex.: artérias coronárias do coração, ligamentos coronários do cotovelo).

Atestação mais antiga: “Tem o coração a sua membrana própria, que o cobre, a qual he muy delgada, e dificultosa de separarse, tem também o coração as suas artérias, e veas proprias, que, como diremos, se chamaõ Coronárias, porque juntamente cercaõ a base do mesmo coração a modo de Coroa.” (Santucci, 1739, p. 127)

Discussão histórico-etimológica: O termo coronária provém do latim *coronaria*, ae, substantivo feminino que, em Plínio (*Hist. Nat.*), podia designar a florista ou aquilo que é usado para fazer coroas. O registro histórico no Houaiss indica a data de 1836 como referência documental para essa acepção, mas o emprego em Santucci (1739) antecipa a ocorrência no português técnico.

3.18. carótida

Classe gramatical: substantivo feminino

Definição: Cada uma das artérias carótidas que conduzem o sangue ao cérebro, originando-se da aorta e subindo pelo pescoço.

Atestação mais antiga: “Daqui, onde se encurva a dita arteria, principia a subclavia esquerda, e a carotida esquerda, e da outra parte sahe a subclavia direita, e a carotida direita, perto das carotidas pela parte superior das ditas subclavias, nascem as duas cervicaes, ou vertebraes, huma na parte esquerda, outra na direita.” (Santucci, 1739, p. 129)

Discussão histórico-etimológica: O termo carótida vem do grego plural καρωτίδες (karōtídes), designação das artérias carótidas principais que irrigam o cérebro. O radical karō- (“adormecer”) deu origem ao adjetivo καρωτικός (karōtikós), “entorpecente, soporífero”, em referência ao efeito de compressão da artéria, que provoca inconsciência ou desmaio. No latim, a forma caroticus, a, um foi empregada em tratados médicos (por exemplo, Chalc. Tim. 214). O registro histórico do termo em português data de 1789 na forma carotidas arterias e, em 1813, na forma carótidas artérias.

3.19. mamário

Classe gramatical: adjetivo

Definição: Relativo à mama; diz-se de estruturas anatómicas associadas ao seio ou glândula mamária (ex.: artérias mamárias, glândulas mamárias).

Atestação mais antiga: “Da parte anterior das subclavias nascem as mammarias, estas estão por baixo do sternon, e deitaõ vários ramos, que passam pelos espaços das costellas, e as partes externas, e nas mulheres vão às mammas.” (Santucci, 1739, p. 129)

Discussão histórico-etimológica: O termo mamário deriva do latim *mamma*, ae, “seio, mama” (em homens, mulheres ou animais), também usado em sentido figurado para protuberância (por exemplo, de árvore) e como designação infantil (“mamãe”). O sufixo -ário indica relação ou pertinência. A forma latina *mamma* é atestada em autores clássicos (Cícero, Plínio, Varrão) com o sentido central de “seio”. No português técnico, mamário é empregado principalmente para referir-se a vasos, nervos ou outras estruturas anatômicas que se associam à mama. Embora a data de 1858 seja a primeira registrada em dicionários (SC), o uso em Santucci (1739) mostra ocorrência anterior em textos médicos em português.

3.20. metacarpo

Classe gramatical: substantivo masculino

Definição: Parte do esqueleto da mão compreendida entre o carpo e os dedos.

Atestação mais antiga: “fazendo como hum arco, ao qual sahem varias artérias pequenas, que se diffundem pelos espaços dos ossos do carpo, e metacarpo, e pelas partes da vola, e dorso da mão.” (Santucci, 1739, p. 136)

Discussão histórico-etimológica: O termo metacarpo forma-se pelo prefixo *meta-*, do latim *meta*, no sentido de “ponto, extremidade, termo”, associado ao grego *καρπός* (*karpós*), que significa “fruto, semente” e também “junção da mão e do braço, punho”. Essa combinação indica a posição anatômica “além do carpo”, designando a região entre o punho e os dedos. No latim científico, a forma *carpus* passou a ser empregada como termo técnico anatômico, diferentemente do latim clássico, que a usava mais frequentemente no sentido botânico. A difusão da palavra metacarpo ocorreu pela influência da nomenclatura anatômica europeia, consolidando-se no português técnico a partir do início do século XIX. A forma metacarpo tem registro em português com datação de 1823.

3.21. bronquial

Classe gramatical: Adjetivo de dois gêneros

Definição: Relativo aos brônquios ou próprio deles; diz-se das artérias ou estruturas associadas aos tubos que conduzem o ar da traqueia para os pulmões.

Atestação mais antiga: “Os ramos primeiros, que sahem perto do principio desta aorta descendente são as artérias, que levaõ o sangue para a nutrição dos bofes, e às vezes he huma só, e às vezes são duas, e são derivadas das intercostaes, e se chamaõ arteriais bronquiaes.” (Santucci, 1739, p. 137)

Discussão histórico-etimológica: O termo bronquial forma-se pelo radical brônquio acrescido do sufixo adjetival -al, indicando pertencimento ou relação. Brônquio provém do grego βρόγχιον (bróghion), diminutivo de βρόγχος (bróghos), que designava a “traqueia-artéria” e, de modo geral, a garganta. No latim anatômico, a forma bronchium se consolidou nos tratados médicos. No português, a variante bronquial aparece datada em 1893 em registros lexicográficos, mas já se encontra atestada em uso técnico anterior, como demonstra Santucci (1739).

3.22. duodenal

Classe gramatical: Adjetivo de dois gêneros

Definição: Relativo ao duodeno, porção inicial do intestino delgado situada imediatamente após o estômago.

Atestação mais antiga: “O ramo direito produz a artéria Gastrica direita, que vay para o ventriculo, a Epiptoica direita para o zirbo, ou omento, a Pancreatica para o pancreas, a Duodena para o intestino duodeno, a Cistica para a cistisellea, a Hepatica para o figado.” (Santucci, 1739, p. 138)

Discussão histórico-etimológica: O termo duodenal deriva de duodeno acrescido do sufixo adjetival -al, que indica relação ou pertencimento. Duodeno tem origem no latim medieval duodenum, abreviatura de duodenum digitorum, expressão que significa “de doze dedos”, referência ao comprimento aproximado dessa porção intestinal, medido por dedos transversos. O latim duodeni, ae, a corresponde a “doze cada” ou “em número de doze” (cf. Virgílio: duodena astra, “os doze signos do Zodíaco”). O uso anatômico consolidou-se a partir dos tratados médicos renascentistas e foi incorporado à nomenclatura anatômica moderna. No português, o adjetivo duodenal aparece registrado em dicionários do século XIX (1873), embora seu uso técnico esteja documentado anteriormente, como atesta a obra de Santucci (1739).

3.23. cístico

Classe gramatical: Adjetivo

Definição: Relativo ao cisto ou que contém cisto; diz-se também das estruturas anatômicas ligadas à vesícula biliar (ex.: canal cístico).

Atestação mais antiga: “O ramo direito produz a artéria Gastrica direita, que vay para o ventriculo, a Epiptoica direita para o zirbo, ou omento, a Pancreatica para o pancreas, a Duodena para o intestino duodeno, a Cistica para a cistisellea, a Hepatica para o figado.” (Santucci, 1739, p. 138)

Discussão histórico-etimológica: O adjetivo cístico deriva do substantivo “cisto”, formado a partir do grego κύστη (kystē), “bolsa, bexiga, saco” (LSJ), que em latim foi transcrito como cystis, is. O sufixo -ico, de valor adjetival, indica pertencimento ou relação. A forma francesa cystique encontra-se registrada já em 1560 e influenciou a terminologia anatômica moderna. Em português, o termo cístico é documentado em dicionários médicos do século XIX, com registro datado de 1836. Na obra de Santucci (1739), observa-se uso técnico precoce associado à artéria cística (ramo da hepática), que irriga a vesícula biliar.

3.24. póplite

Classe gramatical: substantivo masculino

Definição: A parte posterior do joelho; jarrete. A curva da perna.

Atestação mais antiga: “Depois o dito tronco perto da curva da perna lança hum ramo, que se espalha pelo Poplite, e por isso se chama Poplitea.” (Santucci, 1739, p. 143)

Discussão histórico-etimológica: O termo provém do latim *poples*, *ītis*, que designava a “curva (ou barriga) da perna” e, por extensão, a região posterior do joelho. Essa forma aparece na literatura latina clássica, como em Virgílio (*Aen.*, 9, 762; 12, 927), Horácio (*Serm.*, 2, 7, 97) e Tito Lívio (22, 51, 7), sempre relacionada ao joelho dobrado ou ao ato de apoiar-se sobre os joelhos. O vocábulo passou ao português técnico como designação anatômica de uso restrito. O registro lexicográfico data de 1839, mas Santucci já empregava a forma *poplite* em meados do século XVIII, atestando sua circulação prévia na tradição anatômica portuguesa.

3.25. tarso

Classe gramatical: substantivo masculino

Definição: Esqueleto da parte posterior do pé; tondinho. Planta do pé. Osso longo do membro inferior das aves, adjacente aos dedos; metatarso. Segmento do pé das aves que corresponde a este osso. Porção distal da pata dos insetos, formada por tarsômeros. Segmento distal da pata de miriápodes e aracnídeos.

Atestação mais antiga: “e outra parte, e muito mais pela parte detraz, e pela parte externa do dito focal, ou osso mayor da tibia, e chegando ao tarso, lança outro ramo, cujas ramificaçoens se distribuem pela parte superior do tarfo, e metatarfo.” (Santucci, 1739, p. 143)

Discussão histórico-etimológica: O termo vem do grego tarsós, cujo sentido originário era “entrelaçamento de raízes, esteira, caniço”, passando a designar por analogia superfícies largas e planas, como a planta do pé (τ. ποδός) e o segmento ósseo que sustenta os dedos. Também foi aplicado a penas largas das asas, fileiras de dentes em serras, cílios das pálpebras e fileiras de remos nos navios. No latim anatômico, consolidou-se a forma tarsus com a acepção técnica “parte posterior do pé” e, posteriormente, “tarso ocular” (cartilagem da pálpebra). Em português, o termo aparece já em 1735 em dicionários especializados e se manteve como designação anatômica padronizada.

3.26. sural

Classe gramatical: Adjetivo de dois gêneros

Definição: Relativo à sura, isto é, à panturrilha; diz-se das estruturas localizadas na região posterior da perna (ex.: nervo sural, veia sural).

Atestação mais antiga: “O primeiro menor se chama sural, passa este pelo meyo da perna, e deitando ahi varios ramos, se divide em dous raminhos, os quaes pouco a pouco desaparecem antes de chegar ao extremo do pè.” (Santucci, 1739, p. 144)

Discussão histórico-etimológica: O adjetivo sural deriva de sura acrescido do sufixo adjetival latino -al, indicador de pertinência. No latim, sura, ae designava “panturrilha” e, por extensão, “perna” ou, mais raramente, “pé”, sendo atestado em autores como Plínio (História Natural 11, 253) e Virgílio (Geórgicas 1, 337). Há também ocorrência em Célio Aureliano com a acepção de pequeno osso da perna (fíbula). No português técnico, sural passou a qualificar estruturas anatômicas relacionadas à parte posterior da perna, como vasos e nervos.

A forma encontra registro dicionarístico no final do século XIX (datação de 1899), embora seu uso já se documente em textos médicos anteriores, conforme a obra de Santucci (1739).

Considerações finais

A presente dissertação dedicou-se ao estudo da neologia e da terminologia médico-científica em língua portuguesa no século XVIII, tomando como corpus de análise parte da obra “Anatomia do Corpo Humano”, de Bernardo Santucci (1739). Ao longo desta pesquisa, buscou-se não apenas identificar e descrever unidades lexicais neológicas, mas também compreender os processos de criação, adaptação e circulação desses termos em um contexto de expansão do saber anatômico e de consolidação de práticas discursivas especializadas.

Os objetivos delineados no início deste trabalho foram alcançados, sobretudo no que tange à sistematização de dados históricos e etimológicos que permitem observar, com maior precisão, a maneira como o léxico foi enriquecido por influências latinas e gregas, assim como pela necessidade prática de nomear conceitos, estruturas e processos anatômicos recém-categorizados. Por meio do levantamento minucioso das ocorrências lexicais, foi possível evidenciar que Santucci recorreu tanto a empréstimos eruditos, que já se consolidavam na tradição científica europeia, quanto a formas que se apresentavam como especializações semânticas, originadas de vocábulos de uso mais geral.

Um dos principais méritos desta pesquisa reside na forma como as análises etimológicas foram conduzidas, combinando a metodologia já aplicada em trabalhos anteriores do projeto com um olhar mais detalhado para a identificação, descrição dos termos. O processo iniciou-se pela definição de cada unidade lexical no Dicionário Houaiss, seguida da investigação de suas raízes greco-latinas em obras como o Oxford Latin Dictionary e o Greek-English Lexicon, e da verificação de sua circulação em textos médicos anteriores e contemporâneos a Santucci. Esse procedimento metodológico permitiu delimitar com rigor a antiguidade e a difusão de cada termo, contribuindo para estabelecer o terminus a quo de muitas palavras e para discutir seu grau efetivo de inovação no século XVIII.

As reflexões propostas ao longo deste trabalho também destacam que a neologia técnica não ocorre de maneira aleatória. Ao contrário, trata-se de um processo orientado por motivações específicas, tais como o progresso científico, a ampliação das classificações anatômicas e a necessidade de precisão descritiva. Os neologismos estudados — como *eritroide*, *bálano*, *cório*, *póplite*, entre outros — ilustram esse fenômeno, ao mesmo tempo em que revelam a intensa circulação de conhecimentos e referências transnacionais que caracterizavam o ambiente intelectual do período moderno.

Outro aspecto relevante foi a constatação de que as palavras analisadas nem sempre tiveram trajetória linear de aceitação. Em muitos casos, como ocorre com *eritroide*, verifica-se a coexistência de variantes gráficas e a sobreposição de formas etimologicamente concorrentes (*elitroide e eritroide*), demonstrando como a terminologia médica era permeável a erros de transmissão, transcrição ou tradução. Essa observação reforça a importância de estudos que combinem a perspectiva lexicográfica com a análise filológica e documental.

Além da contribuição descritiva, este trabalho oferece subsídios importantes para o *Dicionário Histórico de Termos da Biologia*, projeto ao qual se vincula. Ao registrar, datar e discutir detalhadamente os termos médicos presentes nos capítulos XI a XX da obra de Santucci, esta dissertação complementa investigações anteriores e fornece um material de referência que poderá apoiar novas pesquisas dedicadas ao estudo histórico do léxico científico em português. Ao mesmo tempo, evidencia a necessidade de continuidade e ampliação deste tipo de estudo, de modo a abranger outras partes da obra, bem como outras publicações médicas setecentistas que compõem o corpus do dicionário.

Convém sublinhar, ainda, que a pesquisa revelou algumas limitações que se colocam como desafios e oportunidades futuras. Entre elas, destaca-se a dificuldade de acesso a edições críticas confiáveis de determinadas obras de referência e a escassez de estudos etimológicos diacrônicos que tratem especificamente da difusão de terminologias anatômicas no espaço lusófono. Da mesma forma, a carência de registros lexicográficos precisos em algumas fontes consultadas, sobretudo no que se refere ao momento exato de incorporação de certos termos ao português, torna indispensável o desenvolvimento de projetos colaborativos que combinem expertise terminológica, filológica e histórica.

Espera-se que os resultados aqui apresentados estimulem novos estudos que deem continuidade ao levantamento, à documentação e à análise do léxico médico-científico em língua portuguesa. Mais que um resgate histórico, trata-se de preservar a memória linguística que acompanha a evolução das ciências da vida e de reconhecer o valor das obras pioneiras, como a de Bernardo Santucci, na constituição do nosso repertório terminológico. Ao lançar luz sobre essa dimensão diacrônica, esta pesquisa convida à reflexão sobre o dinamismo e a complexidade que sempre caracterizaram o encontro entre linguagem e ciência.

Referências

- ABREU, Jean Luiz Neves. **O corpo, a saúde e a doença: o saber médico luso-brasileiro no século XVIII**. 2006. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2006. Disponível em: <http://hdl.handle.net/1843/VCSA-6XWMHK>. Acesso em: 10 out. 2024.
- ALVES, Ieda Maria. Contribuições para a metodologia do trabalho em neologia terminológica: o corpus de exclusão. In: CATALA, S. Á.; BARITE, M. (org.). **Teoría y praxis en terminología**. Montevideo: Ediciones Universitarias, Unidad de Comunicación de la Universidad de la República, 2017. p. 103-112.
- ALVES, Ieda Maria. **Neologia e implicações textuais**. 2009, Anais. João Pessoa: Ideia, 2009. Disponível em: https://biblio.fflch.usp.br/Alves_IM_132_1789132_NeologiaEImplicacoesTextuais.pdf. Acesso em: 10 out. 2024.
- ALVES, Ieda Maria. O conceito de neologia: da descrição lexical à planificação linguística. **ALFA: Revista de Linguística**, São Paulo, v. 40, 2001. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/view/3992>. Acesso em: 11 out. 2024.
- ALVES, Ieda Maria. **Neologismo: criação lexical**. 3 ed. São Paulo: Ática, 2007.
- ALVES, Ieda Maria. A integração dos neologismos por empréstimo ao léxico português. **ALFA: Revista de Linguística**, São Paulo, v. 28, n. 1, 1984. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/view/3681>. Acesso em: 11 out. 2024.
- BORGES, Luana da Silva; MARONEZE, Bruno. Estudo da integração da unidade lexical “placenta” ao léxico português. **Revista GTLex**, Uberlândia, v. 9, p. e0904, 2023. DOI: 10.14393/Lex-v8a2023/24-4. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/GTLex/article/view/70509>. Acesso em: 11 out. 2024.
- CÂMARA Jr., Joaquim Mattoso. **História e Estrutura da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Padrão, 1975.
- CURTI-CONTESSOTO, Beatriz. O(s) lugar(es) da diacronia na Terminologia: de onde partir para realizar um estudo terminológico-diacrônico hoje?. **Acta Scientiarum**. Language and Culture, 2024, 45 (2), pp.1-12. 10.4025/actascilangcult.v45i2.67723.
- CURTI-CONTESSOTO, Beatriz. (2022). Em busca de uma terminologia diacrônica sistematizada: alguns conceitos básicos em foco. **Trabalhos Em Linguística Aplicada**,

61(1), 109–124. <https://doi.org/10.1590/01031813v61n120228667580> Referência incompleta.

CABRÉ, Maria Teresa. **La terminología. Teoría, metodología, aplicaciones**. Barcelona: Editorial Antártida / Empúries, 1993.

CABRÉ, Maria Teresa. El principio de poliedricidad: la articulación de lo discursivo, lo cognitivo y lo lingüístico en Terminología. **Organon**, Porto Alegre, v. 25, n. 50, 2011. DOI: 10.22456/2238-8915.28343. Disponível em:

<https://seer.ufrgs.br/index.php/organon/article/view/28343>. Acesso em: 10 out. 2024.

GAFFIOT, Félix. **Dictionnaire Latin-Français**. Paris: Hachette, 1934.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. **Grande Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Disponível em: <https://houaiss.uol.com.br/>. Conferir.

GENGA, Bernardino. **Anatomia chirurgica cioè Istoria anatomica dell'ossa, e muscoli del corpo umano, con la descrizione de' vasi che scorrono per le parti esterne, & in particolare per gl'articoli, & vn breue Trattato della circolazione del sangue in questa seconda impressione riformata, & accresciuta di molte riflessioni pathologiche chirurgiche**. Di Bernardino Genga da Mondolfo ... Itália, per Dom. Ant. Ercole. Si vendono in Parione all'insegna dell'Angelo, & in Piazza Nauona al Morion d'oro, 1686.

HUMBLEY, John, 2011. **Vers une méthode de terminologie rétrospective**. *Langages*, 2011/3 n° 183, p.51-62. DOI : 10.3917/lang.183.0051. URL : <https://shs.cairn.info/revue-langages-2011-3-page-51?lang=fr>.

KRIEGER, Maria da Graça; FINATTO, Maria José Bocorny. **Introdução à Terminologia: teoria e prática**. 2. ED. São Paulo: Contexto, 2019.

LIDDELL, Henry George; SCOTT, Robert; JONES, Henry Stuart (eds.). **Greek-English Lexicon**. 9. ed. Oxford: Clarendon Press, 1940. Disponível em: <http://stephanus.tlg.uci.edu/ljs/#eid=1>. Acesso em: 20 jul. 2025

MARONEZE, Bruno; ALVES, Ieda Maria. Neologia: histórico e perspectivas. **Revista GTLex**, Uberlândia, v. 4, n. 1, p. 6–32, 2020. DOI: 10.14393/Lex7-v4n1a2018-1. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/GTLex/article/view/55082>. Acesso em: 11 out. 2024.

Malpighi, Marcello, and Regis, Pierre. Marcelli Malpighii ... **Opera posthuma: In quibus excellentissimi authoris vita continetur, ac pleraque quæ ab ipso priùs scripta aut inventa sunt confirmantur, & ab adversariorum objectionibus vindicantur**. Países Baixos, apud Donatum Donati, 1698.

NEVES, Hermano. **O livro de Bernardo Santucci, e a “Anatomia Corporis Humani” de Verheyen**. Arquivo de Anatomia e Antropologia, vol. 10, Lisboa, 1926, p. 315-346.

Disponível

em:

<https://publikationen.uni-frankfurt.de/opus4/frontdoor/deliver/index/docId/13946/file/E001880973.pdf>

OPENAI. **ChatGPT** (2025). Disponível em: <https://chat.openai.com>. Acesso em: 20 jul. 2025.

SAGER, Juan Carlos. **A practical course in terminology processing**. Amsterdam, Philadelphia: J. Benjamins, 1990.

SANTUCCI, Bernardo. **Anatomia do corpo humano: recopilada com doutrinas medicas, chimicas, filosoficas, mathematicas, com indices, e estampas, representantes todas as partes do corpo humano, dividida em tres livros**. Na officina de Antonio Pedrozo Galram, 1739.

Disponível

em:

[https://books.google.com.br/books?id=D83JL7ybBeUC&newbks=1&newbks_redir=0&dq=in author:%22Bernardo+Santucci%22&hl=pt-BR&source=gbp_navlinks_s](https://books.google.com.br/books?id=D83JL7ybBeUC&newbks=1&newbks_redir=0&dq=in+author:%22Bernardo+Santucci%22&hl=pt-BR&source=gbp_navlinks_s). Acesso em: 20 jul. 2025.

SILVA, Luana Borges da. **Neologismos de base greco-latina em textos do português dos séculos XVII e XVIII: um estudo etimológico da obra “Pharmacopea Lusitana”**. 2022. 181 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Comunicação, Artes e Letras, Universidade Federal da Grande Dourados, Dourados, 2022.

VIARO, Mário Eduardo. Uma breve história da Etimologia. **Filologia e Linguística Portuguesa**, [S. l.], v. 15, n. esp., p. 27–67, 2013. DOI: 10.11606/issn.2176-9419.v15isep27-67.

Disponível

em:

<https://www.revistas.usp.br/flp/article/view/82818>.. Acesso em: 11 out. 2024.

OXFORD Latin Dictionary. Oxford: Clarendon Press, 1968.